

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

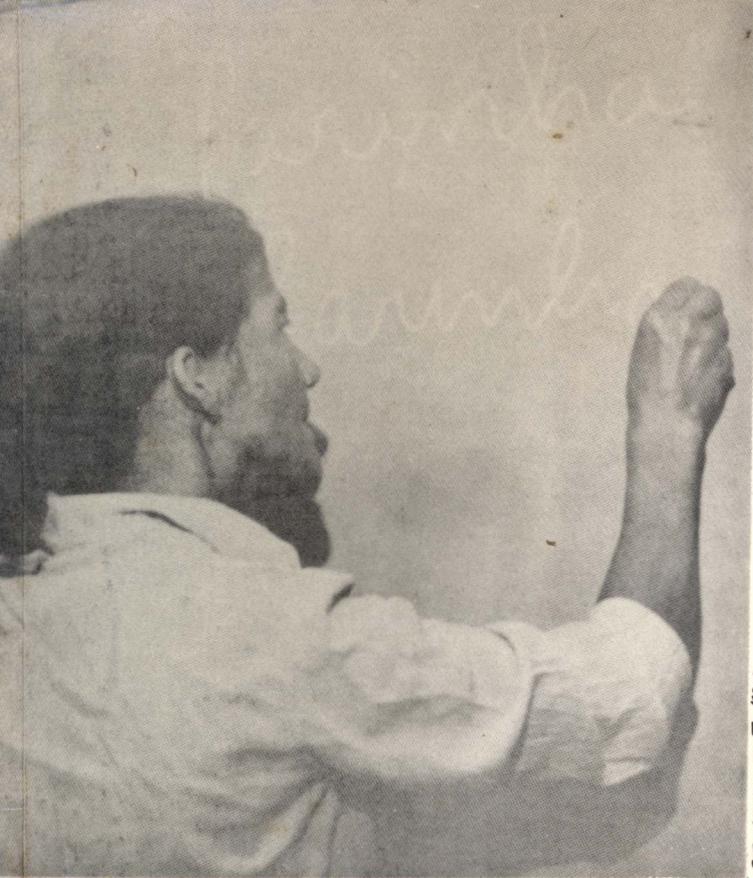
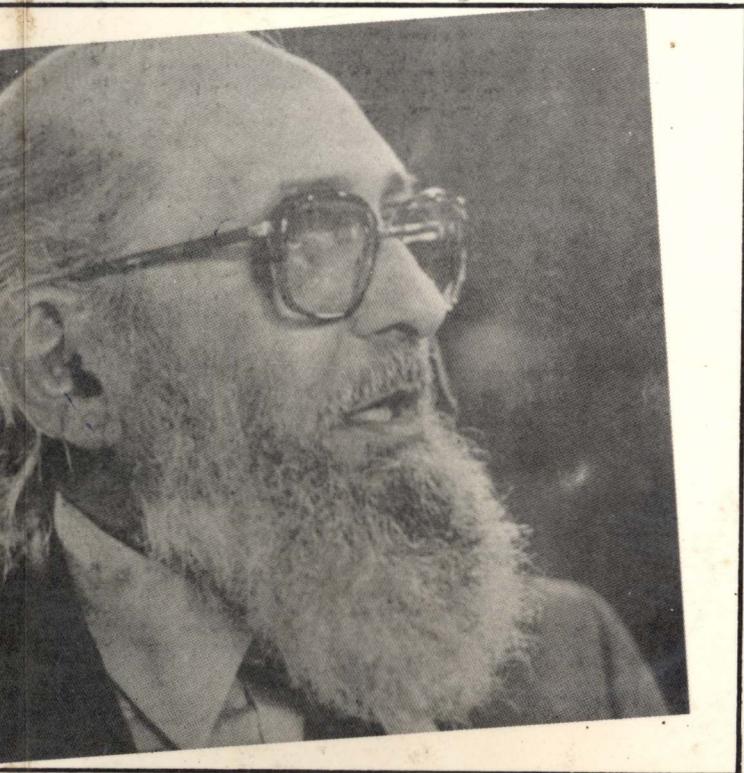


PHOTO: ARBURY SANES, 1963



ARCOS DE OLIVEIRA

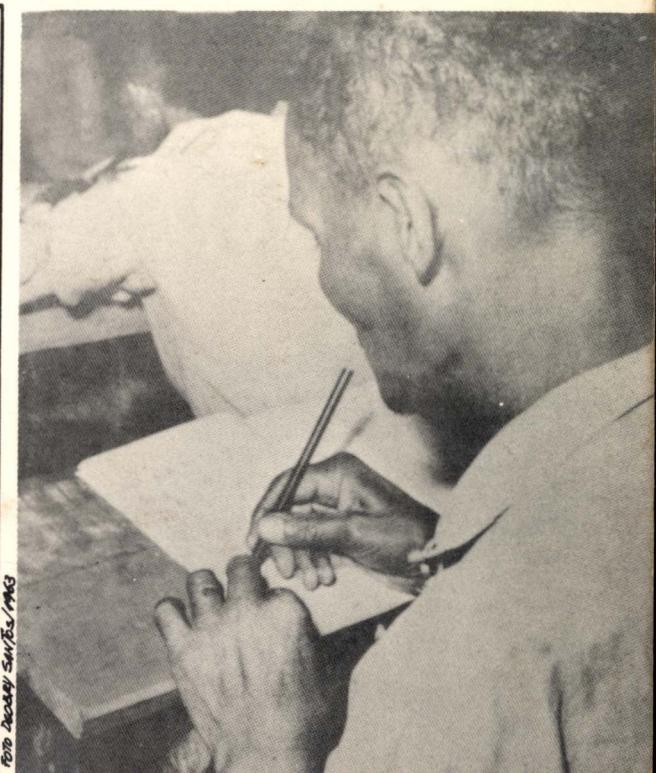


PHOTO: ARBURY SANES, 1963

PAULO FREIRE

FDF - PTF - 12 - 018

(D)



Paulo Freire e a Educação Brasileira

FRENTE CULTURAL DE BRASÍLIA

Sindicato dos Comerciantes de Brasília

Edilson José Muniz

Sindicato dos Bancários de Brasília

Maria Luísa Martins Neiva

Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais e Assistenciais de Brasília (Senalba)

Maria de Sousa Duarte

Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal

Maria do Rosário Caetano

Associação dos Sociólogos do Distrito Federal

Maria Auxiliadora ((Dôra))

Cuca (Movimento Candango de Dinamização Cultural)

Ézio de Sousa Pires

Comissão de Cultura do DCE - Universidade de Brasília

Marcelo Montiel da Rocha

Diretório dos Estudantes do Ceub

Paulo Miranda

Diretório Central dos Estudantes da UDF

Carlos Alves Moura

Centro de Cultura da Universidade Católica

Wladimir Cavalcanti

Cineclube Gavião do Cruzeiro

Berenice Rosalina da Silva

Conselho Regional da Ordem dos Músicos

Jorge Antunes

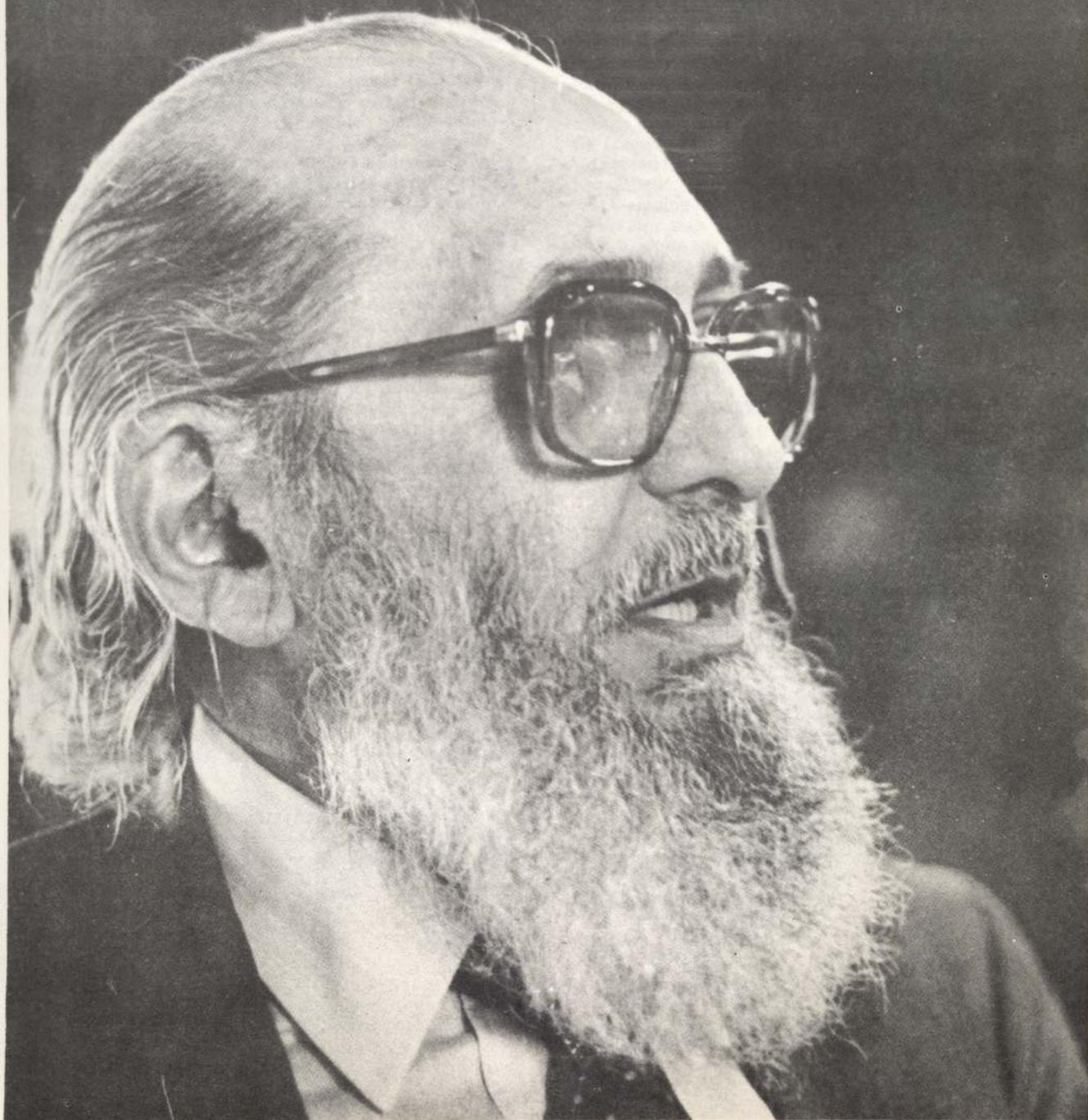
Este livro foi composto nas oficinas do **Correio Braziliense** e impresso na **Gráfica Escola de Jornal e Artes do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF**, em setembro de 1982. Os direitos sobre ele pertencem à Frente Cultural de Brasília.

Capa: Racsow

Diagramação e programação visual: Hêlio Lopes dos Santos

Revisão: Esmerino Magalhães Júnior

Este livro é
dedicado a
Paulo Freire,
o pedagogo
da libertação.



MARCOS DE OLIVEIRA

FPF_PTFE-12_010

A Frente Cultural de Brasília, responsável pela edição deste livro, nasceu com o propósito de trazer o debate de temas polêmicos para o cotidiano do brasileiro.

Sua primeira atividade - o seminário **Paulo Freire e a Educação Brasileira** - realizado em abril de 82, deixou os membros da Frente (diretores de entidades sindicais, profissionais, estudantis e artísticas) aturdidos. Afinal, aguardávamos 200 participantes. Mas o que se viu foi uma lotação total do auditório do Sesc/913 Sul. Mais de 400 pessoas se espremeram pelos corredores, sentando-se no chão, ou permanecendo de pé, horas a fio.

Paulo Freire está virando mito? - perguntava, surpresa, Venício Artur de Lima, um dos estudiosos da obra do "pedagogo da libertação" e autor de um dos textos deste livro.

Não temos resposta para a pergunta de Venício. Achamos que nem ele tem. Afinal, não é fácil compreender o sentimento que moveu as pessoas (muitos eram jovens, que nem tinham nascido quando Paulo Freire foi para o exílio) a participar dos quatro encontros do seminário, mesmo em condições de desconforto.

Do seminário **Paulo Freire e a Educação Brasileira**, a Frente guardou enorme alegria e estímulo para organizar novos debates.

Afinal, até no dia do último encontro, numa tarde de sábado, lá estavam os participantes do seminário dispostos a conhecer e colocar em prática um dos pontos fundamentais da Pedagogia de Freire: o Círculo de Cultura. Venício e Helene de Barros coordenaram dois Círculos. Os outros "seminaristas" assistiram à exposição, feita por Maria Duarte e Lúcia Rocha, de trabalho elaborado por alunos de Mestrado da Faculdade de Educação da UnB. O trabalho, que também está publicado neste livro, relata a experiência desenvolvida na alfabetização de adultos na cidade-satélite do Gama, em fins de 1963, início de 1964. Quando os participantes dos dois Círculos de Cultura regressaram ao auditório, houve uma plenária final, que discutiu o seminário e levantou propostas para sua continuidade. Todos eram unânimes em que o estudo da obra de Paulo Freire precisa tornar-se uma constante. E ficou no ar uma solidariedade muito grande.

O que vale a pena recordar é que nunca outro seminário da Frente encontrou tamanha acolhida. Realizamos uma **Quinzena da América Latina**, em hora oportuna: o continente estava abalado com a Guerra das Malvinas, e torcia, aflito, pela devolução das ilhas ao povo argentino. Mesmo sob este clima, apenas 200 pessoas frequentaram as palestras da Quinzena. A terceira promoção da Frente buscou discutir o cotidiano da **Juventude Brasileira**. A participação não alcançou a casa dos 200 frequentadores.

É claro que a Frente Cultural de Brasília não desanimou. Continuamos firmes e voltados para a sensibilização do brasileiro, no sentido de que discuta temas que

lhe estão próximos, que fazem os sabores ou dissabores de seu cotidiano. Ainda neste ano de 1982, estaremos reunidos para discutir **A Cassação dos Direitos Políticos do Brasileiro**, que, paradoxalmente, habita o centro político do país mas é impedido de exercer sua cidadania.

Voltando a Paulo Freire, a Frente Cultural, ao lançar sua primeira publicação, tem a alegria de apresentar o texto das palestras debatidas em seu primeiro seminário. A única palestra que não consta deste livro é a de Francisco Weffort, uma vez que o texto que lhe serviu de base está publicado como prefácio de **Educação Como Prática da Liberdade**, de Paulo Freire, sob o título de **Reflexões Sociológicas Sobre Uma Pedagogia da Libertação**, da Editora Paz e Terra. E aqui vale um parêntese. Quando nós, da Frente Cultural, procuramos Paulo Freire para convidá-lo a participar do seminário, ele nos disse que não poderia comparecer, já que tinha compromissos para a mesma data. Perguntamos o que achava de convidarmos Weffort para debater o prefácio de **Educação Como Prática da Liberdade**. Sorrindo, Freire respondeu:

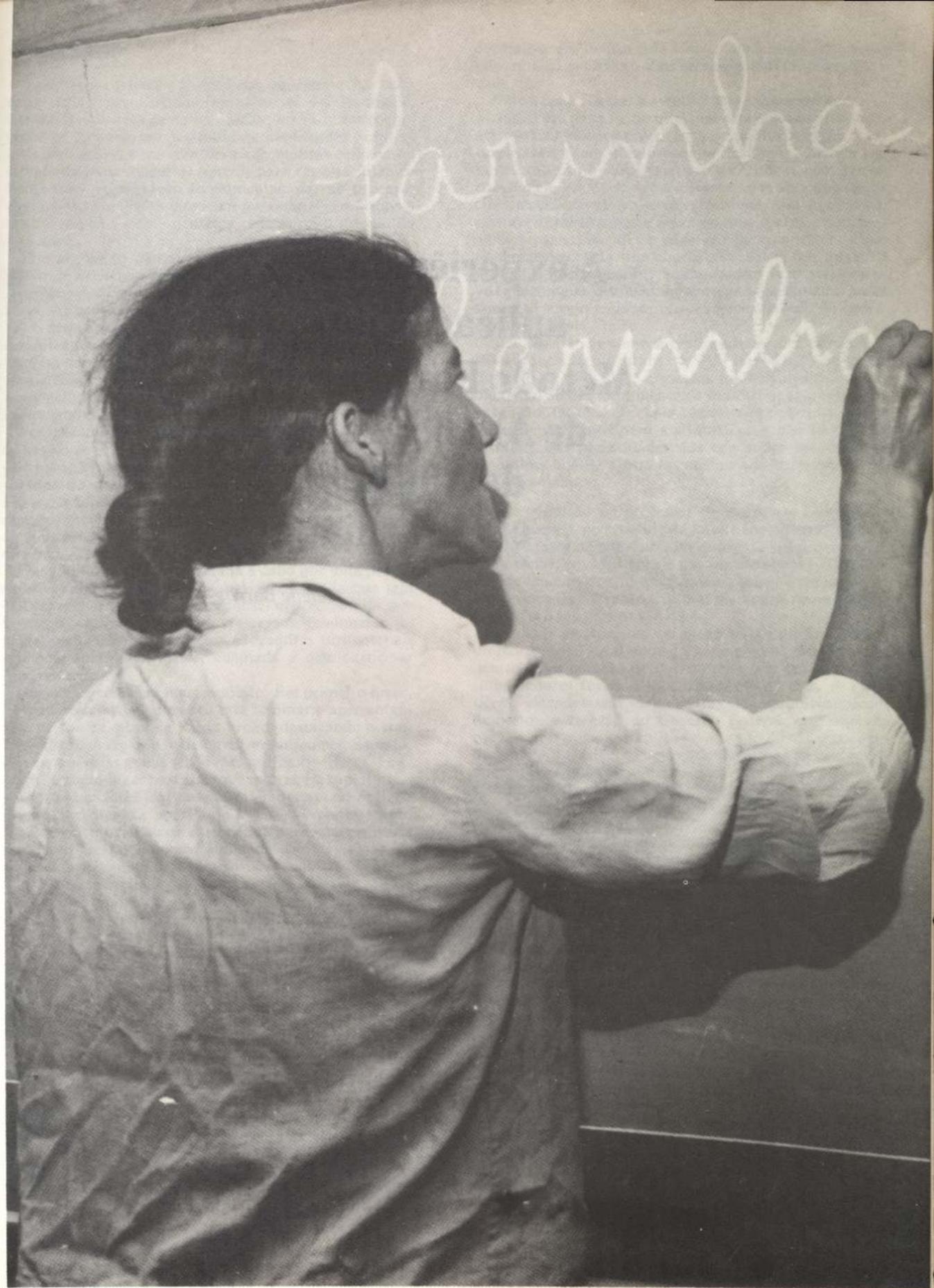
- A escolha não poderia ser melhor. Além de ter escrito um dos mais belos ensaios sobre a minha obra, Weffort, é, ainda, o pai dos meus netos.

E há centenas de estudos sobre Paulo Freire, que gostaríamos de indicar para leitura dos que se interessam pela obra deste pensador que, a cada dia, merece mais espaço nos estudos de Psicologia e Educação (por maiores que ainda sejam as renitências de algumas escolas...). Duas indicações, porém, gostaríamos de deixar registradas: uma é o capítulo **Abordagem Centrada-na-Pessoa e o Oprimido**, do livro **Sobre o Poder Pessoal**, de Carl Rogers. O psicólogo americano dedicou este capítulo a um estudo comparativo de seu trabalho com o do pedagogo brasileiro. Nossa outra indicação recai sobre **Comunicação e Cultura: As Ideias de Paulo Freire**, de Venício Artur de Lima, Editora Paz e Terra.

E, antes que o leitor vire a página para iniciar a leitura de nossos artigos/debate, gostaríamos de registrar nossa gratidão aos fotógrafos **Deobry Santos** e **Marcos de Oliveira**, autores das fotos, material de enorme riqueza documental, que enriquecem este livro. Nosso agradecimento, também, a **Hélio Lopes dos Santos**, batalhador incansável na feitura deste livro, a **Esmerino Magalhães Júnior**, que revisou os artigos, e a **Racsow**, criador do cartaz do seminário, do qual extraímos a capa deste livro. E não poderíamos esquecer **Maria Luisa Martins Neiva**, companheira da Frente Cultural, que nos recebeu em sua casa - o Sindicato dos Bancários - durante as várias semanas que gastamos gestando o seminário.

Maria do Rosário Caetano
(Membro da Frente Cultural de Brasília)

1982



A experiência de aplicação do Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos em Brasília

Helene Barros

SUMÁRIO

Introdução

1. PAULO FREIRE: A PESSOA E A OBRA
2. FUNDAMENTOS DO PROJETO EDUCACIONAL DE PAULO FREIRE.
 - 2.1 - Referências que ajudam a entender a gênese do seu pensamento.
 - 2.2 - A concepção do homem, que embasa e permeia sua filosofia educacional.
 - 2.3 - A sociedade em transição e os níveis de consciência.
3. A EDUCAÇÃO TRADICIONAL: ANÁLISE CRÍTICA DE FREIRE.
4. EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: O PROJETO DE FREIRE.

INTRODUÇÃO

Paulo Freire é antes de tudo um educador. Sua obra deixa raízes no campo filosófico e antropológico, estende-se pela área da comunicação, apoia-se em conhecimentos sociológicos, é dotada de implicações políticas mais profundas. Esta complexidade multidisciplinar do seu pensamento concorre, porém, para ressaltar e aprofundar sua preocupação fundamental: dar ao processo educativo as condições essenciais para que ele contribua à realização plena e consciente de cada homem no seio da sociedade.

Esta exposição não visa, porém, apresentar o pensamento de Freire em toda a sua complexidade e riqueza. Nem mesmo o ciclo de palestras previstas para este Seminário será capaz de cumprir cabalmente esta tarefa. O objetivo desta apresentação é sintetizar os elementos básicos que orientam e determinam sua concepção educacional. Se, uma vez ou outra, se faz apelo a outras áreas do conhecimento humano, é apenas para ressaltar melhor seu pensamento no campo educacional e ser fiel à complexidade e multidisciplinaridade de sua proposta educativa.

Em que consiste, porém, a originalidade do projeto educativo de Freire com relação às formas tradicionais de educação? Esta é a pergunta fundamental que tentaremos abordar no decorrer deste trabalho. Seu tema: Paulo Freire e a educação no Brasil. Não é possível, porém, no espaço de tempo de que se dispõe, explorar amplamente todas as conseqüências da concepção educacional de Freire sobre o sistema educacional brasileiro.

Esta tarefa não pode ser levada a cabo por uma pessoa ou um grupo de pessoas por mais privilegiada que seja sua capacidade. A proposta educacional elaborada por Freire postula, por seu lado, que este empreendimento seja assumido não apenas pelos educadores profissionais mas pela sociedade inteira, chamada a dele participar criativamente.

Nosso escopo é bem mais modesto. Em primeiro lugar, pareceu-nos conveniente abrir este Seminário apresentando a pessoa e a obra de Paulo Freire, destacando o contexto histórico em que se desenvolveram seu pensamento, suas experiências e suas atividades profissionais.

Em segundo lugar buscaremos explorar em rápidos traços os fundamentos teóricos que orientam a concepção da educação elaborada por Paulo Freire. A compreensão destes elementos básicos é essencial para que se possa apreciar o alcance e a profundidade das idéias por ele avançadas no campo da educação, bem como sua contribuição original nesta área.

Em terceiro lugar, apresentaremos a análise crítica desenvolvida por Freire relativa à educação tradicional, ao seus objetivos, ao seu conteúdo e à sua pedagogia.

Finalmente, serão expostas as grandes linhas que orientam o projeto educacional de Paulo Freire com referência não apenas ao sistema formal de ensino mas à ação educativa a ser desenvolvida através de todos os processos essenciais à vida da sociedade.

1. PAULO FREIRE: A PESSOA E A OBRA (I)

Em Freire, o homem e a obra encontram-se intimamente associados. Para aqueles que não o conhecem mais de perto, talvez valha a pena focalizar alguns traços de sua carreira que, sem dúvida, deixaram marcas na sua obra. Nascido aos 19 de setembro de 1921, em Recife, Freire

formou-se em direito pela Universidade local, altamente conceituada em todo o País no campo das ciências jurídicas.

Vale a pena chamar a atenção para o contexto nordestino que o viu nascer e no qual desenvolveu suas atividades até 1964. O Nordeste que ele conheceu foi a região já caracterizada como área-problema nacional, marcada por estrutura agrária obsoleta e opressora, por cidades que inchavam em vez de se desenvolverem, por uma tomada de consciência que visava levar o Nordeste, através de indispensáveis transformações econômicas, sociais e políticas, a desempenhar de novo o papel que lhe competia no cenário brasileiro. Esta tomada de consciência deu origem a múltiplas iniciativas, orientadas muitas vezes por objetivos e ideologias distintas, quando não conflitantes. Neste contexto surgiu e elaborou-se o núcleo básico do pensamento de Paulo Freire.

Sua experiência como superintendente do Departamento de Educação e Cultura do SESI (Serviço Social da Indústria), de 1946 a 1954, exerceu também influência fundamental no desdobramento de suas idéias com respeito à educação. Deu-se, ele conta, durante este período, que os métodos utilizados para a alfabetização não só estavam distantes das necessidades dos educandos mas visavam em última análise ajustá-los melhor aos interesses do sistema dominante.

Sua condição de professor de história e filosofia da educação na Universidade de Recife constituiu igualmente outro fator de relevância na gênese do seu pensamento. Com efeito, em 1961 foi ele um dos membros fundadores do Movimento de Cultura Popular, transformado depois em Serviço de Extensão Cultural da mesma universidade. Freire foi o seu diretor até 1964.

A cidade de Angicos, em pleno sertão do Rio Grande do Norte, foi o local onde o movimento de alfabetização dentro da orientação de Paulo Freire teve seu início: 300 trabalhadores foram alfabetizados em 45 dias. A experiência estendeu-se a várias outras cidades do Nordeste e despertou a atenção do Governo Federal, que resolveu oficializar o método e aplicá-lo em todo o País. Ao longo de 1963 foram criados cursos de capacitação de coordenadores nas capitais de quase todas as Unidades da Federação. Para o ano de 1964, tinha sido planejada a implantação de 20.000 círculos de cultura para atendimento de 2 milhões de alfabetizando.

A grande inovação do método era seu ponto de partida: a realidade do educando. Este era levado a tomar consciência crítica desta realidade para criá-la e recriá-la por seus próprios atos. Não se tratava apenas de alfabetizar por alfabetizar, ou, como costumava acontecer, alfabetizar para dar o voto a candidatos interessados. O objetivo principal era ajudar os participantes do círculo de cultura a passar de uma consciência intransitiva e ingênua a uma consciência crítica. Em outras palavras, o alfabetizando era chamado a tornar-se sujeito de seus atos e de seu destino.

Em 1964, Paulo Freire encerrou suas atividades no Brasil para retomá-las no Chile, onde permaneceu até 1970. Esta permanência no Chile constituiu para ele um outro momento privilegiado de sistematização e aprofundamento da sua teoria educacional, bem como de um alargamento de sua experiência no campo da alfabetização de adultos.

Além de exercer o magistério na Universidade de Santiago, Freire elaborou nesta época suas duas obras fundamentais: "Educação como prática da liberdade" e "Pe-

dagogia do oprimido". Estes dois trabalhos dão as bases sobre as quais será exposta mais adiante a concepção de Freire com respeito ao processo educativo.

Freire chegou ao Chile em momento propício. O governo do Presidente Eduardo Frei decidira inserir no seu programa um projeto especial de alfabetização. Freire tornou-se assessor deste projeto. Em 1965 foi criado oficialmente o Departamento de Planificação para a Educação de Adultos. Depois de superar algumas dificuldades políticas, o governo democrata-cristão adotou o método de Paulo Freire. O êxito obtido atraiu a atenção da UNESCO, que considerou o Chile entre as cinco nações que melhor superaram o problema do analfabetismo.

Em 1968, o movimento de alfabetização chileno animado pela linha educacional de Freire contava com 100.000 alunos e 2.000 coordenadores empenhados não apenas na alfabetização mas também na educação dos alfabetizados.

O ano de 1970 marca o início de uma nova etapa na vida de Paulo Freire. Após uma curta passagem de dez meses pelos Estados Unidos, como professor visitante da Escola de Educação da Universidade de Harvard, fixa ele residência em Genebra, trabalhando no Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas. Em 1971, tornou-se um dos membros fundadores do Instituto de Ação Cultural (IDAC). Durante este período suas idéias se irradiaram e foram confrontadas através de vários países da Europa ocidental, estendendo-se suas atividades também ao continente africano, especialmente aos países de língua portuguesa. De sua localização privilegiada, em Genebra, teve ele a oportunidade de testar a solidez e os fundamentos de sua concepção educacional, confrontá-la com diversas culturas, correntes de pensamento, e obter o reconhecimento explícito da UNESCO com respeito à sua inegável contribuição ao processo educativo.

Hoje, encontra-se ele de volta ao Brasil, para uma nova imersão em nossa realidade, no processo histórico que estamos vivendo. Espera-se que a sua capacidade criadora possa oferecer uma nova contribuição ao problema educativo brasileiro, que se encontra perante desafios cada vez mais inadiáveis.

Este rápido esboço da pessoa, pensamento e obra de Paulo Freire nos dá uma pálida idéia do seu valor e da contribuição que ele tem prestado ao aprofundamento e compreensão do problema educacional. Nada melhor, porém, do que conhecer mais de perto estas idéias e tentar em uma primeira aproximação caracterizar sua originalidade face à concepção tradicional do processo educativo.

2. FUNDAMENTOS DO PROJETO EDUCACIONAL DE PAULO FREIRE

A análise crítica empreendida por Freire sobre as deficiências da concepção tradicional da educação não se situa apenas nos seus aspectos formais, nem na sua organização. Não se limita também ao seu conteúdo e à sua pedagogia. Ela atinge os próprios fundamentos desta concepção para demonstrar a inaceitabilidade das bases teóricas em que repousa. A partir desta crítica, propõe ele as novas bases que podem servir de fundamento à atividade educacional e mesmo a um sistema educacional de tipo novo, mais condizente com as aspirações profundas de nossa época.

Antes, pois, de avançar de maneira mais explícita no exame comparativo da visão tradicional do processo educativo e da proposta apresentada por Freire, torna-se con-

veniente determo-nos alguns momentos na análise dos fundamentos teóricos das duas concepções, principalmente dos fundamentos defendidos por ele. A apreensão cabal destas bases teóricas facilita consideravelmente a compreensão do caráter inovador do projeto educativo proposto por Freire.

2.1 - REFERÊNCIAS QUE AJUDAM A ENTENDER A GÊNESE DE SEU PENSAMENTO (2).

Mesmo que Paulo Freire se tenha inspirado profundamente na sua vivência pessoal e íntima, e na sua experiência inserida na realidade do subdesenvolvimento, como mencionado acima, é inegável a influência de grandes pensadores do cenário brasileiro e do cenário internacional na formação dos fundamentos que servem de base à sua proposta educacional.

Assim, é clara no pensamento de Freire a presença de uma filosofia humanista e personalista, principalmente em seus dois grandes expoentes, Jacques Maritain e Emmanuel Mounier. Sofre ele também influência inegável da filosofia existencialista de Kierkegaard, Gabriel Marcel, Martin Heidegger e mesmo Karl Jaspers. Podem-se, inclusive, identificar, no pensamento de Freire, traços das idéias de Eric Fromm e Karl Marx. No cenário nacional Freire recebeu influência decisiva dos intelectuais brasileiros ligados ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Convém, no entanto, ressaltar que, apesar do contato íntimo com todas estas fontes, Freire apresenta sua concepção pessoal. Todas estas correntes filosóficas têm como ponto de referência central o homem. Freire as repete dentro da realidade em que estava inserido e as traduz para uma linha de ação concreta no campo educacional. Enquanto síntese, suas idéias não podem ser classificadas entre nenhuma das correntes filosóficas acima mencionadas.

2.2 - A CONCEPÇÃO DO HOMEM, QUE EMBALEGA PERMEIA SUA FILOSOFIA EDUCACIONAL

Três dimensões podem ser destacadas na concepção do homem (3) apresentada por Freire. A primeira marca as relações do homem com o mundo em que vive. Nesta relação o homem dá consciência ao mundo. Se não existisse a consciência do homem, o mundo se restringiria a coisas inertes, sem consciência de que é mundo. A condição do homem não é apenas de estar no mundo, mas ser consciente do mundo.

O homem, porém, é chamado não somente a conhecer o mundo, mas também a transformá-lo. É nesta interação entre a consciência humana e o universo que ocorre a interação que envolve ação e reflexão - que se forma a consciência do ser humano, e que o mundo se humaniza.

A segunda dimensão apontada na obra de Freire é a relação de cada homem com os outros homens. A consciência que cada homem toma do mundo não se pode desenvolver isoladamente, mas em interação de reciprocidade com a consciência dos outros homens. Em outras palavras, o conhecimento do mundo e sua transformação podem ser tarefa de um indivíduo isolado ou de um grupo de elite, mas tarefa a ser desenvolvida por todos em uma relação de comunhão e reciprocidade de consciência.

Na medida em que se estabelece entre os homens uma relação de dominação ou dependência, entre opres-

oprimido, o homem passa a ser menos homem e a tarefa de conhecimento e transformação do mundo vem a ser seriamente comprometida. Esta degradação do ser humano, oriunda da existência de grupos opressores e grupos oprimidos, despersionaliza a ambos, reduzindo-os à condição de objetos e não de sujeitos conscientes e livres.

Nesta perspectiva Freire situa a palavra e o diálogo como características fundamentais da personalização do homem. A palavra na concepção freiriana não é apenas um vocábulo pronunciado. Ela expressa o conteúdo da interação do homem com o mundo e dos homens entre si. A palavra não é apenas expressão do conhecimento, expressão da consciência, mas também deve ser ação, isto é, só é completa quando realiza aquilo que expressa. Caso contrário, estaríamos diante de um discurso vazio, de um palavrório, de um blá-blá-blá. O diálogo que se faz através da palavra assim entendida permite a reciprocidade das consciências, uma relação de comunicação entre iguais. O mundo é um instrumento mediador através do qual esse diálogo se concretiza.

Finalmente, a terceira dimensão do homem na concepção de Freire é o seu caráter histórico. Ao contrário do animal, o homem pode tridimensionalizar o tempo. O tempo humano é constituído de passado, presente e futuro. A história, porém, não é simplesmente uma sucessão de momentos cronológicos. A consciência do homem dá-lhe sentido, unidade e direção. A história está essencialmente ligada à consciência do homem, que, ao conhecer e transformar o mundo, em diálogo e colaboração com os outros, torna-se o sujeito responsável de tudo que acontece.

Ao tomar conhecimento do mundo, ao transformá-lo, ao tomar consciência de suas relações para com os outros, o homem pode chegar a reconhecer os limites e as deficiências de sua atividade cognitiva e transformadora bem como das relações de dependência e de dominação, que falseiam a interação entre os homens.

Esta tomada de consciência pode levá-lo em um momento seguinte a buscar a superação destas limitações, que constituem para ele um desafio. Este é o processo de conscientização e libertação no pensamento de Freire.

Conscientizar-se ou libertar-se significa tomar conhecimento de maneira crítica das limitações do contexto tecnológico, social, político, econômico e cultural em que se vive. É buscar a melhor maneira de transformar o universo, colocando-o a serviço do homem, hominizando-o. É tentar superar as barreiras das relações de dependência e de dominação, estabelecendo relações de diálogo, de cooperação e de criação conjunta.

Desta maneira o homem se torna consciente, livre, sujeito da história, faz sua própria história e cria cultura. Este é um outro conceito fundamental enfatizado por Freire. O homem faz cultura na medida em que se realiza como homem de acordo com as dimensões acima esboçadas. Nesta perspectiva, cultura é toda atividade humana que se exerce no sentido de conhecer e transformar o mundo e, através deste, dialogar e cooperar com os outros. Assim, pode-se entender que, nesta concepção, quem faz cultura se torna mais consciente, mais livre e mais sujeito da história.

2.3 - A SOCIEDADE EM TRANSIÇÃO E OS NÍVEIS DE CONSCIÊNCIA

Estas três dimensões do homem destacadas por Freire e os conceitos que delas derivam, para serem entendidos em

toda a sua relevância, necessitam ser contrastados com a realidade hoje vivida e experimentada por indivíduos, por povos e pela humanidade inteira. Freire destaca o tema da dominação como tema central que emerge tanto nos países subdesenvolvidos como nos países classificados como desenvolvidos, como nas relações entre os povos. Em cada contexto toma ela formas diversas, é percebida às vezes de maneira distinta, mas, qualquer que seja a sua forma, as relações de dominação e dependência constituem o fulcro central do problema.

Freire caracteriza as sociedades atuais como sociedades em transição. Os valores da época que passa ainda estão presentes nas atitudes, nos estilos de vida, no comportamento dos diferentes grupos, na maioria das estruturas sociais, políticas e econômicas. As contradições oriundas do processo de dominação e dependência aguçam-se; vive-se em uma era de incerteza, em uma tentativa de superar estas contradições em um novo tipo de sociedade.

Em vista desta realidade, Freire distingue três níveis de consciência (4). No primeiro nível identifica a consciência que denomina de **intransitiva**. Grande parte da humanidade vive apenas para satisfazer suas necessidades biológicas básicas e declara-se satisfeita quando o consegue. Seu conhecimento da realidade é mágico e superficial. Está longe de analisar as causas profundas da situação em que vive, as relações que mantém com o resto da sociedade, ignora sua capacidade de ser sujeito da história para transformá-la, tornando-se mais pessoa.

No segundo nível de consciência, que Freire denomina de **transitiva-ingênuo**, encontram-se aqueles que já não vivem exclusivamente buscando satisfazer suas necessidades de sobrevivência biológica. Estes já se abriram para os valores de bem-estar, privilégio da classe dominante. Fazem do progresso tecnológico a varinha mágica capaz de resolver todos os problemas. Ajustam-se aos valores, ao estilo de vida dos grupos bem situados. De oprimidos passam a ser opressores em potencial, através das possibilidades que lhes são oferecidas de ascensão a classes sociais privilegiadas.

O processo de modernização fomenta este tipo de consciência transitiva-ingênuo. Trata-se de ajustar e acomodar os grupos menos favorecidos ao universo cultural criado pela elite. Neste processo aqueles que desenvolvem este tipo de consciência não criam cultura, não fazem história. Apenas assimilam, reproduzem a cultura dos grupos dominantes e tornam-se objetos e não sujeitos da história que estes grupos tentam orientar.

O terceiro nível de consciência, Freire o denomina de consciência **transitiva-crítica**. O desabrochar deste tipo de consciência independe do nível de escolaridade, do status social ou dos bens materiais que alguém possua. A consciência transitiva-crítica nasce no momento em que o indivíduo inicia o processo de personalização esboçado na concepção de homem, base do pensamento de Paulo Freire.

Em outras palavras, na medida em que cada indivíduo começa a analisar a realidade em que vive, indagando suas causas mais profundas ou os fatores que realmente a determinam; à medida em que este indivíduo, em diálogo com os outros em um círculo de cultura, questiona esta realidade com os seus companheiros, interpellando-os e sendo por eles interpellado; na medida em que eles tomam consciência de que através da cooperação podem transformar esta realidade, podem tornar-se um pouco mais sujeitos e criadores de sua história, podem fazer cultura,

nesta medida este indivíduo ou este grupo desenvolve uma consciência transitiva-crítica.

Pode-se facilmente entender que numa sociedade em transição o desenvolvimento desta consciência transitiva-crítica torna-se essencial à construção de um novo tipo de sociedade onde as pessoas sejam mais pessoas. Não se pode negar o risco que este movimento em busca de uma consciência crítica se desvirtue. De um lado, a consciência transitiva-ingênua pode generalizar-se. Largas camadas da população podem mesmo voltar à condição de consciência intransitiva. De outro lado, grupos, ditos revolucionários, de esquerda ou de direita, podem tentar interromper o processo e impor a sua verdade ao conjunto de um povo, cortando o diálogo, a cooperação consciente e livre, a formação de homens sujeitos da história e criadores de cultura. O sectarismo constitui, pois, um dos grandes riscos deste processo numa sociedade em transição.

Com base nestes fundamentos elaborados por Freire, torna-se mais fácil entender sua concepção do processo educativo, sua contribuição original com referência às idéias que orientam os sistemas tradicionais de educação (5).

3. A EDUCAÇÃO TRADICIONAL: ANÁLISE CRÍTICA DE FREIRE

Ao analisar a educação tradicional, Paulo Freire examina à luz de sua concepção do homem, do mundo e da sociedade os objetivos, o conteúdo e a pedagogia desta educação.

Embora reconheça que a educação tradicional (6) tem contribuído para um certo avanço da ciência e da tecnologia, chama ele a atenção para o fato de que grande parte dos esforços são orientados no sentido de manter as estruturas de dominação que hoje marcam as relações entre os homens a todos os níveis. Na medida em que homens de ciência percebem as contradições desta realidade e de seus esforços, muitas vezes chegam a denunciar os erros e conflitos da situação, mas permanecem como vozes isoladas, sem repercussão mais profunda.

Conforme já assinalado anteriormente, os objetivos, ao menos implícitos, da educação tradicional são a modernização das massas trabalhadoras, urbanas e rurais, o desenvolvimento nelas de uma consciência transitiva-ingênua, sua adesão incondicional ao projeto de sociedade elaborado e promovido pelo grupo dirigente.

Freire vai mais em detalhe quando analisa o conteúdo programático e a pedagogia subjacente a este tipo de educação, que denomina "educação bancária". Em primeiro lugar chama ele a atenção para o caráter fundamentalmente narrativo das relações educador-educando, que se verifica a qualquer nível da atividade escolar.

Esta tendência narrativa da prática educativa manifesta-se na importância que se dá à sonoridade da palavra e não à sua força transformadora. Assim, comenta Freire, quando o educando fixa, memoriza e repete a frase "Pará, capital Belém", não sabe ele o que significa verdadeiramente a palavra "capital" nesta afirmação. Não sabe igualmente o que "Belém" significa para o "Pará" e "Pará" para o "Brasil".

A educação tradicional torna-se um ato de depositar. Os educandos são os depositários e o educador o depositante. Daí, a denominação de "concepção bancária da educação". Freire assim descreve algumas de suas características. Nela, diz ele (7):

- o educador é o que educa; os educandos são educados;

- o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;

- o educador é o que pensa; os educandos, os que pensam;

- o educador é o que diz a palavra; os educandos que as escutam docilmente;

- o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;

- o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;

- o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam na atuação do educador;

- o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ela;

- o educador identifica a autoridade do saber com a autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;

- o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos."

A visão do homem que está por trás desta concepção implica numa dicotomia homem - mundo. O homem simplesmente está no mundo e não com o mundo e com outros homens. É mero espectador e não sujeito transformador do mundo. Sua consciência é um compartimento especializado do seu ser, um recipiente a aceitar permanentemente os depósitos que o mundo lhe faz.

Assim, afirma Freire, a concepção tradicional leva o educando a uma função meramente assimilativa. Através das aulas verbalistas, dos métodos de avaliação de "conhecimentos", do chamado controle de leitura, da distância entre os educandos e os educadores, dos critérios de promoção, da indicação bibliográfica, o educando é impedido de exercer um pensar crítico, em busca da verdade.

De uma maneira global, Freire caracteriza esta educação bancária como antidialógica, incapaz de reconhecer o homem como ser histórico, um ser inacabado, consciente de suas limitações em busca de ser mais pessoa. Assim, segundo ele, ninguém pode ser mais pessoa impedindo que os outros o sejam.

4. EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: O PROJETO DE FREIRE

Paulo Freire não se limita à crítica da educação tradicional e oferece uma concepção alternativa de uma educação como prática da liberdade, baseada na sua concepção do homem, do mundo e da sociedade, realizada através do diálogo, buscando permanentemente a superação das dominações.

Nesta concepção as relações educador - educando são relações de diálogo. Não existe educador de um lado e educando do outro. Rompem-se os esquemas verticais característicos da educação bancária. Todos são educadores e educandos. O educador não é mais aquele que apenas educa, mas aquele que ao educar é também educado em diálogo com o educando. Este, por sua vez, ao educado também educa.

Desta maneira ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade não têm mais valor. De maneira mais radical, afirma Freire: "Já agora ninguém educa ninguém, e ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em com-

nhão, mediatizados pelo mundo", (8) ao contrário da prática bancária, em que o mundo ou os objetos cognoscíveis são possuídos pelo educador que os descreve ou os transmite a educandos passivos.

A esta altura alguém poderia perguntar: é viável reorientar o sistema formal de educação, tal qual existe, dentro desta perspectiva preconizada por Freire? Esperar que tal iniciativa parta em linha vertical daqueles que dirigem e controlam o sistema não seria talvez realista, mas, a partir da base, tudo se torna possível. Dentro de uma sala de aula as relações educador - educando podem paulatinamente ser modificadas. Os alunos podem ser chamados a definir com seus professores os conteúdos programáticos dos cursos, dando-lhes maior cunho de realidade, relacionando-os mais explicitamente com os temas geradores do contexto histórico em que vivem.

Através do diálogo paciente, pouco a pouco será possível levar a administração escolar a dar oportunidade de maior participação a ambos, educadores e educandos, e a admitir que certas decisões sejam tomadas em conjunto.

Este tipo de atuação não só modificará as relações dentro da escola mas levará esta a abrir-se ao conjunto da sociedade. Inicialmente estes grupos podem ser pouco numerosos numa escola. Seu exemplo, porém, talvez se irradie, suscitando outros grupos que atuem na mesma linha. Na medida em que este novo tipo de relacionamento entre aqueles que fazem parte do sistema escolar for se desenvolvendo, o sistema será questionado e novas condições de diálogo poderão ser criadas.

Freire, contudo, chama a atenção para um aspecto fundamental. Existe uma ligação profunda entre o processo educativo e os demais processos essenciais à vida de uma sociedade: a atividade política, econômica, cultural. O processo educativo não é apenas uma atividade humana entre outras, mas uma dimensão inerente a qualquer atividade do homem como ser social.

Dentro desta visão a tarefa educativa não se limita ao caso particular do sistema formal de educação. Não é ela privilégio do educador profissional. Assim a família, os grupos sociais, a empresa, as associações de classe, os partidos políticos e qualquer outro tipo de organização social são chamados a desempenhar uma tarefa educativa. Em outras palavras, a prática educativa não é responsabilidade exclusiva dos profissionais assim reconhecidos pelo sistema, mas de todos os membros da sociedade.

É dentro desta perspectiva mais ampla do processo educativo que se deve situar o projeto de Freire. Sua concepção leva a modificar o sistema formal de ensino, a que se atribui muitas vezes o privilégio exclusivo de educar. Mas para ele este empreendimento será bem sucedido na medida em que uma ação educativa na perspectiva do diálogo, da conscientização, da libertação for desenvolvida nos diversos campos da atividade humana, nos diversos níveis da sociedade.

Na concepção de Freire existe uma relação estreita entre ação política e ação pedagógica(9). É preciso não confundir-las, mas também não se pode dicotomizá-las. O ato pedagógico que visa fundamentalmente a conscienci-

zação deve conduzir ao ato político de um sujeito livre e comprometido com a mudança que deseja imprimir à sociedade. Seria, porém, ingênuo acreditar que a educação, por si só, opere automaticamente esta transformação. Outro trabalho, a ser apresentado por Francisco Weffort, no decorrer deste Seminário, abordará certamente este tema em maiores detalhes.

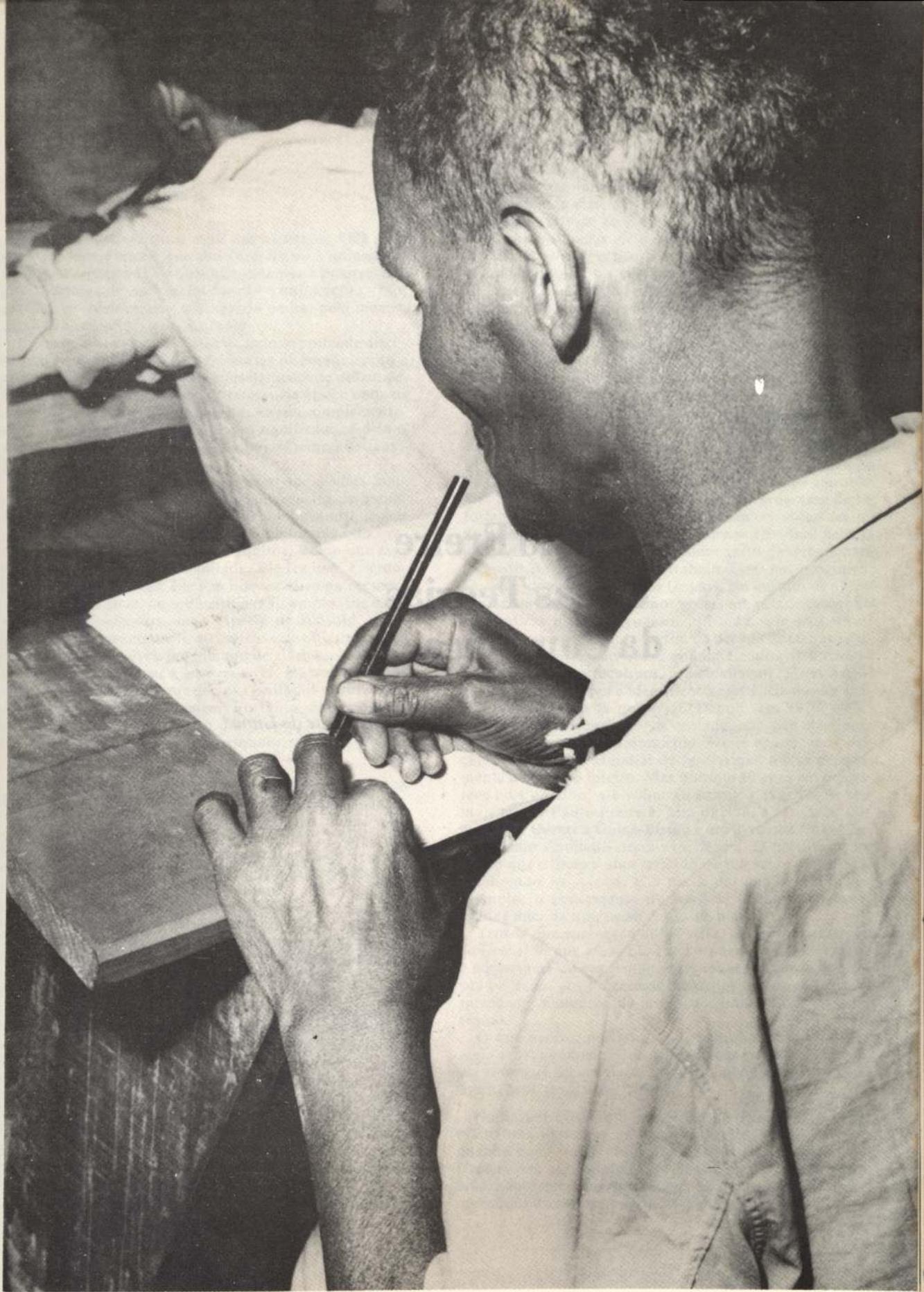
Estas perspectivas fundamentais resumem a essência do projeto educacional de Paulo Freire. Sua experiência profissional desenvolvida no Brasil e em vários outros países levou-o a traçar uma metodologia que pode servir como ponto de referência para todos aqueles que optam por desenvolver este tipo de experiência. Neste particular, porém, estamos apenas no início, e um vasto campo se abre para a criatividade e a realização de novas experiências, em conformidade com o contexto histórico em que se situam.

É de crucial importância, todavia, que se aprenda e aprofunde a inspiração fundamental que tentamos aqui esboçar. Seria de pouco valor adotar um método pelo amor ao método. Com o correr do tempo este método poderia esvaziar-se e mesmo trair a inspiração fundamental que o gerou.

Ficariamos plenamente satisfeitos se a mensagem que começamos a lançar hoje à noite, e que será ampliada e aprofundada nos próximos dois dias, pudesse questionar nossas posições, levar a uma tomada de consciência mais crítica e inspirar atitudes mais comprometidas com a transformação da sociedade em que vivemos.

NOTAS BIBLIOGRAFICAS

- 1) *Diversos ensaios sobre Paulo Freire, especialmente sua autobiografia, abordam este tema. Como referência mais acessível veja-se J. Simões Jorge em A Ideologia de Paulo Freire, Ed. Loyola, 1979.*
- 2) *Para um tratamento mais sistemático e profundo deste tema, veja-se Vanilda Pereira Paiva em Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista, Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1980.*
- 3) *Esta concepção do homem, Freire a desenvolve mais explicitamente em Pedagogia do oprimido, Ed. Paz e Terra, RJ, 7ª ed., 1979. As idéias desenvolvidas nesta parte do texto representam um resumo e uma interpretação do pensamento de Freire exposto naquela obra.*
- 4) *Esta análise dos níveis de consciência, Freire a desenvolve amplamente em Educação como prática da liberdade, Ed. Paz e Terra, RJ, 16ª edição, 1980.*
- 5) *Para uma análise crítica dos níveis de consciência apresentados por Freire, cf. Júlio Barreiro em Educação popular e conscientização, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1980. Este autor pretende não apenas dar uma apreciação crítica ao pensamento de Freire, mas também aprofundá-lo no que diz respeito ao processo de conscientização.*
- 6) *A crítica contundente desferida por Freire com respeito à educação tradicional é melhor sistematizada em Pedagogia do oprimido, obra citada.*
- 7) *Pedagogia do oprimido, obra citada, p. 67-68.*
- 8) *Pedagogia do oprimido, obra citada, p. 79.*
- 9) *Pedagogia do oprimido, obra citada, Capítulo IV.*



**Paulo Freire
e as Teorias
da Comunicação**

*Venício Artur de Lima**

Transcrição, revista e resumida pelo autor, de palestra proferida no Seminário Paulo Freire, promovido pela Frente Cultural de Brasília, em 16 de abril de 1982.

I

Uma das características mais marcantes da vida e da obra de Paulo Freire é que elas formam uma unidade de tal maneira integrada e articulada, que não é possível discurrir nenhuma de suas várias facetas e implicações - biográficas ou intelectuais - sem que se tenha, pelo menos, uma visão panorâmica do conjunto.

É exatamente isso que ocorre quando se pretende discutir as contribuições de Freire às teorias de comunicação e cultura. Há de se começar por considerações de ordem geral que vão compor o quadro de referência básico onde os conceitos de comunicação e cultura, na sua complementaridade, ganharão a plenitude de seu significado. É isso o que pretendo fazer, dentro dos limites de tempo desta exposição.

Primeiramente é preciso reconhecer que a idéia mais comum e generalizada que se tem a respeito de Paulo Freire é que ele é um professor pernambucano que, no princípio da década de sessenta, "bolou um método" revolucionário de alfabetização de adultos. Penso que essa é uma idéia extremamente limitada. Ele fez isso, é verdade, mas fez muito mais. Ele tem que ser visto na perspectiva de um educador, no seu sentido mais amplo. Ele é, na verdade, um pensador, uma espécie de filósofo social que, dentro de um contexto específico e de objetivos muito amplos, desenvolveu um método de alfabetização, não só no sentido de ensinar a ler e escrever, mas acima de tudo de ensinar a pensar, que deu os resultados positivos de que se fala e que muitos temem. Portanto, não podemos pensar em Paulo Freire como um simples professor; temos que entendê-lo como um pensador, um filósofo social.

Por outro lado, outro erro freqüente é pensar em Paulo Freire como um "scholar", no sentido anglo-saxão. Aquela imagem do indivíduo que se fecha numa sala, enche-a de livros - a maioria dos quais não leu, alguns em línguas que não conhece - e de vez em quando escreve artigos e livros. Freire nunca foi isso; nunca pretendeu ser isso; nunca será isso. Ele é um homem comprometido com o que faz. E acima de tudo um homem que faz mais do que escreve. Isto tem várias implicações. Por exemplo: Se você se limitar, para entender o pensamento de Freire, a ler o que ele escreveu, não vai ter uma idéia completa do que é e do que representa o seu trabalho. Você teria de acompanhar também o que ele pratica. Embora Freire já tenha dito e escrito, várias vezes, que tudo o que escreve é uma reflexão sobre o que faz, o que escreve, vale dizer, a sua teoria, está sempre atrasada em relação ao que está fazendo. Ele sofre daquilo que Gramsci chama "atraso relativo da teoria". As pessoas que eventualmente perguntam sobre o que devem começar a ler para entender Paulo Freire, respondo que leiam as entrevistas. É melhor do que ler os textos mais trabalhados, mais pensados, porque as entrevistas são mais espontâneas, são mais contemporâneas com o que ele está fazendo. Geralmente, as entrevistas estão mais próximas de sua prática.

Outro aspecto importante é levarmos em conta que o

pensamento de Paulo Freire é sempre um pensamento contextualizado. Ele sempre responde a problemas concretos. O núcleo de seu pensamento é, inegavelmente, uma resposta que tem a ver com sua própria biografia. E não é difícil sustentar isto.

Freire nasceu no Nordeste brasileiro, numa família modesta, cresceu numa época difícil, quando a situação internacional - a crise de 1929 nos Estados Unidos - produzia graves reflexos no Brasil. Desde cedo se viu envolvido pelas circunstâncias, pelo contexto da situação em que vivia sua família, e procura dar respostas aos seus problemas imediatos. Essa característica está presente, inclusive, na raiz mesma do seu próprio "método" de alfabetização. Se lermos o que Freire escreveu no princípio da década de 60, verificaremos que ele estava preocupado, nas suas propostas mais gerais, em oferecer respostas a problemas específicos do Brasil daquela época. Acompanhando a evolução posterior de seu pensamento, veremos que ele pode ser colocado em paralelo com as circunstâncias de sua biografia. Ele sai do Brasil em setembro de 1964 e tem uma passagem rapidíssima pela Bolívia. Vai em seguida para o Chile, onde fica de fins de setembro de 64 até 69. Nesse período, escreve, por exemplo, **Extensão ou Comunicação?**, que é um texto que responde a problemas concretos. Estava em execução um programa de reforma agrária no Chile da democracia-cristã, ao tempo do presidente Eduardo Frei, e Freire se envolveu nele. O livro, na verdade, foi escrito como texto de debate para técnicos do governo que trabalhavam no programa. Quando vai para os Estados Unidos, em meados de 69, lecionar em Harvard, podemos notar, até pelas citações bibliográficas e pela linguagem utilizada, que seus textos são marcados pelo clima do fim da década de 60 nos Estados Unidos: a reação quase unânime contrária à Guerra do Vietnã e a contracultura, principalmente. É nessa época que Freire começa a identificar a existência dos oprimidos como problema universal. Depois, em 1970, ele se transfere para Genebra. Na verdade, não fica em Genebra; apenas tem lá seu domicílio. Freire ocupa uma posição no Conselho Mundial de Igrejas que o leva praticamente ao mundo inteiro. Mas durante 10 anos em que esteve no Conselho, até voltar ao Brasil, a experiência que mais marca Paulo Freire é, sem dúvida, a africana. Por exemplo, **Cartas a Guiné-Bissau** é um livro que foi produzido como resultado dessa experiência. O próprio título revela que o texto é uma reflexão escrita sobre o que estava fazendo na África. É a partir daí que conhece, por exemplo, o pensamento de Amílcar Cabral, que foi o grande líder da libertação de Guiné-Bissau.

Tem-se que entender Paulo Freire, portanto, dentro do contexto em que atua. Ele é um homem contemporâneo, é um homem do seu tempo, e responde, na sua ação e na sua reflexão, aos problemas imediatos da sua contemporaneidade. Compreendê-lo é acompanhar sua práxis no tempo.

O que ocorre, portanto, é que embora sendo um homem profundamente vinculado às suas raízes nordestinas ele consegue ser universal também, e consegue conciliar, muito bem, essas duas "faces".

Numa entrevista que concedeu ao **Pasquim**, em 78, existe uma passagem muito interessante. Freire diz que, quando anda, sente um pedaço de sua raiz brasileira ultrapassando seu sapato, onde quer que esteja. Por outro lado, sente que é também capaz de se identificar com os oprimidos do mundo inteiro. Realmente, se você for fazer

uma análise do que ele pensa, verá traços de universalidade de que são indiscutíveis, embora seu contexto seja absolutamente fundamental.

O contexto é fundamental, dentre outras coisas, para se entender a própria evolução do pensamento de Freire. Outro equívoco muito freqüente é se fazer, por exemplo, críticas a Paulo Freire considerando que há uma "ruptura" no seu pensamento, ou, por outro lado, levar-se em conta só o que escreveu até 1965. É uma perspectiva equivocada, porque, sendo ele esse homem que responde ao contexto, que vive o presente das circunstâncias, não se pode querer pinçar algo que escreveu isolado do contexto, isolado de sua evolução intelectual e do conjunto de seu pensamento hoje. Voltaremos a este aspecto.

Outro ponto importante é o problema da linguagem de Freire. Muita gente reclama que os livros dele são muito difíceis de se ler, como, p.ex., **Pedagogia do Oprimido**. Isto é porque a linguagem de Freire é uma linguagem relacional. O seu raciocínio não é linear, como o nosso. Em seus textos, se você procura uma definição de alguma coisa, só encontra essa definição em contraposição a uma outra. Ele diz, por exemplo: educação bancária é o que a educação problematizadora não é. Define por contraposição, por relação. Ele quer explicar, por exemplo, o que deve ser o ato de estudar. Então, contrapõe ler a estudar; memorização a compreensão, etc. Isso vai ser também verdade para os conceitos de Comunicação e Cultura. É a linguagem dele. Nós temos um vício de pensamento lógico, linear. Freire pensa de uma forma dialética, contrapondo um elemento a outro. Define um conceito por exclusão de outro. Portanto, isto torna aparentemente difícil a apreensão de seus textos.

Dito isto, quero retomar um aspecto já mencionado. Critica-se Paulo Freire afirmando-se que existe uma "ruptura" no seu pensamento. Haveria um Freire antes e outro depois de **Pedagogia do Oprimido**. Este é outro equívoco.

Não é difícil argumentar que se podem identificar, no pensamento de Paulo Freire, três fases distintas; a primeira até **Pedagogia do Oprimido** - que costumo chamar de "fase populista". São desta fase um artigo publicado na Revista de Cultura da Universidade de Recife, em 1963, com o título "Conscientização e Alfabetização - Uma nova visão do processo", e **Educação como Prática da Liberdade**, que é a reformulação de uma tese de concurso para professor de História e Filosofia da Educação, produzida em 1959, que Freire reescreveu no Chile, em 1964/65, e só é publicada como livro, no Brasil, em 1967. Esses textos refletem o clima intelectual e político do Brasil anterior a 1964.

Uma segunda fase do pensamento de Freire, que chamo de "transição", vai, grosso modo, da **Pedagogia do Oprimido** - cujo texto foi terminado em 1968 mas a primeira edição, que saiu em inglês, é de 1970, e a edição brasileira só aparece em 1974 - até 1972/1973. A experiência marcante deste período é a vivida por Freire no Chile de Allende, que ele sempre visitava para assessorar grupos populares. Essa fase de "transição" é formalmente superada com um texto de autocritica que Freire apresenta num seminário realizado em Genebra, em 1974, e que aparece com o título "Algumas notas sobre conscientização" no livro **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**, publicado no Brasil em 1976.

A terceira fase é a que começa a partir daí e se estende até nossos dias, sendo profundamente marcada pela experiência africana de Freire.

A questão fundamental, todavia, é saber o que mudou e o que não mudou no pensamento de Freire ao longo do período caracterizado por essas três fases distintas. Segundo, implicitamente, que não houve uma "ruptura", tenho que explicar por que não houve essa "ruptura". O que mudou então?

Da experiência brasileira refletida, apesar do "arbitrariedade relativo", em **Educação como Prática da Liberdade** e **Pedagogia do Oprimido**, que também diz respeito à experiência no Brasil mas já incorpora a do Chile e a de outros países visitados na América Latina, o que muda com Paulo Freire começa a incorporar ao seu pensamento uma forma explícita, uma análise crítica da sociedade capitalista.

Na **Pedagogia do Oprimido** ele fala em oprimidos e oprimidos. Algumas vezes fala em classe, mas, a partir de 1969/70 -, não se pode ter mais dúvidas: Freire faz uma análise que incorpora a visão marxista da estrutura social numa sociedade capitalista. Ele começa a falar em classes sociais que são contraditórias e antagonicas, e, portanto, inconciliáveis.

Pedagogia do Oprimido já contém essa análise, aliás, alguns julgam um paradoxo. Perguntam eles: como Freire defende o diálogo se diz que não pode haver diálogo entre quem é oprimido e quem é opressor? A resposta de Freire é que, na história, essa contradição é superada quando deixarem de existir as classes sociais antagonicas. Na **Pedagogia do Oprimido** isto já está implícito.

Em textos posteriores, em algumas entrevistas - por exemplo, no texto que ele escreveu em 1971 sobre "O Papel Educativo das Igrejas na América Latina" -, a análise de classes e a crítica ao capitalismo passam a ser explícitas. A condenação ao sistema capitalista, que está presente em **Educação como Prática da Liberdade**, passa a ser absolutamente explícita.

O que muda, portanto, do princípio de 60 até hoje é o que Paulo Freire vai adquirindo uma noção muito específica - que tem a ver com a própria trajetória de suas experiências - de que não se pode fazer, por exemplo, uma crítica séria da educação, uma crítica que não caia no abstrato, no vazio da retórica, sem descer à realidade concreta das sociedades históricas onde a educação acontece. É aí que ele começa a fazer uma crítica contundente ao capitalismo.

É interessante observar que desde sua adolescência Paulo Freire conhecia Emmanuel Mounier, filósofo católico personalista muito influente junto à esquerda católica dos anos 50 e 60, e que era um profundo anticapitalista. De alguma forma pode-se dizer que o anticapitalismo que não era explícito em Freire, se torna explícito em contacto que ele passa a ter com Marx e com outras experiências concretas em sociedades capitalistas historicamente dependentes. O que há de comum nessas sociedades? Uma realidade de exploração capitalista que ele chama de "intrinsecamente injusta". Freire insiste, então, que o capitalismo não tem que ser reformado, mas substituído.

Isto é o que muda. E o que não muda no pensamento de Freire?

Não muda seu cristianismo e seu humanismo espiritual. Essa profunda crença no homem como capaz de ser o sujeito de sua própria história. Isso vinculado a uma perspectiva de libertação humana que passou a incorporar a luta pela superação do capitalismo.

Desse forma, se se analisar tudo que Paulo Freire escreveu, um elemento fundamental estará sempre presente: a visão que ele tem da natureza humana, do homem e das suas potencialidades, nas suas relações com outros homens e no processo de sua própria libertação. O que vai alterar é a análise concreta e histórica das sociedades humanas. A base do seu pensamento, contudo, o que inclusive o leva a incorporar a própria crítica à sociedade capitalista, é essa profunda crença no homem, isto é, um humanismo profundo.

Paulo Freire já disse e escreveu várias vezes que o ponto de partida, o *a priori* é se acreditar no homem. É preciso não se esquecer que ele fala nisso com uma experiência concreta. Quem está falando em acreditar no homem é alguém que conhece os oprimidos, vítimas de toda uma história de dominação na América Latina. É alguém que acredita que esse homem, oprimido, embora dominado e eventual ou circunstancialmente sem consciência plena de sua capacidade de mudar o mundo, possui sempre o potencial de se transformar em sujeito de sua história junto com outros homens.

É preciso compreender-se, portanto, que Paulo Freire percorre um caminho que conduz a um lugar predeterminado. Ele é "teillardiano". Acredita no pensamento de Teilhard de Chardin. Acredita que, no processo geral de evolução biológica, o homem é uma etapa da complexificação crescente. A libertação é um processo permanente. Estamos todos caminhando para um ponto ômega, que é a plenitude da liberdade, acredita ele.

Há vários textos em que Paulo Freire diz expressamente que é utópico. E qualifica isso no sentido de uma esperança que é religiosa. Paulo Freire, insisto, é um cristão e acredita que a humanidade, o homem, está num processo, numa caminhada. O que move essa profunda crença no homem, esse *a priori* fundamental, é um ato de fé religiosa.

Estes são elementos fundamentais para se compreender, na sua plenitude, os conceitos de comunicação e cultura de Freire.

II

Feitas todas estas considerações a respeito do pensamento de Paulo Freire, estamos agora em condições de tentar responder à pergunta sobre quais contribuições ele tem a dar ao estudo, ao entendimento dos fenômenos da comunicação e da cultura.

O primeiro ponto a ser destacado é que a contribuição que realmente ele oferece é a nível teórico. É a nível da formulação, da articulação de uma teoria alternativa que instrumentaria uma nova prática de comunicação e uma nova prática cultural. Como se sabe, o próprio Freire argumenta que "toda ação esconde uma teoria". O que acontece é que, muitas vezes, essa teoria não é explicitada. A articulação teórica que o pensamento de Freire possibilita é uma articulação ideal, é um modelo de referência que permite não só o questionamento sobre a realidade que aí está, como a busca, via teoria, de uma nova prática.

Como se sabe, comunicação e cultura são conceitos extremamente problemáticos. O que é mais interessante é que, na verdade, os diferentes significados dessas palavras escondem diferentes modelos teóricos que justificam diferentes práticas.

Vamos explorar um pouco o conceito de comunicação. Comunicação é uma palavra que, se se fizer um histórico dos seus diferentes significados, se verificará como são variados e ambíguos. Isto é verdade até mesmo na nossa prática cotidiana. Etimologicamente a raiz da palavra comunicação é *comum*, que é a mesma raiz de várias palavras que nós conhecemos: comunidade, comunhão, comunicante, comunismo, entre outras. Portanto, a origem do termo é *comum*, mas no seu significado original o vocábulo comunicação era um substantivo de ação que significava "tornar comum a muitos", "transmitir". Mas, ainda no século XV, a ação de tornar comum é substituída, no significado da palavra, pelo objeto feito comum. Por isso, até hoje se diz "o comunicado". O objeto que se torna comum a muitos passa a ser comunicação. Este significado prevalece até o fim do século XVII, quando começa o desenvolvimento dos meios físicos de transporte - canais, rodovias, ferrovias - e comunicação passa a significar "meio de transporte" ou "linhas de comunicação". Só no século XX, quando o desenvolvimento tecnológico possibilita a transmissão de informações e entretenimento através de meios eletrônicos de grande alcance - cinema, rádio, televisão - é que comunicação passa a significar o que chamamos hoje "mídia", incluindo aí a imprensa. Distingue-se, portanto, a "indústria da comunicação" da "indústria do transporte".

Uma rápida recuperação histórica do significado etimológico da palavra, portanto, nos leva a vários significados diferentes. Desde o seu primeiro conceito, isto é, *ação de tornar comum a muitos, transmissão*, a palavra comunicação abriga uma ambigüidade que nunca foi resolvida, e que está presente, em termos teóricos, nos estudos de comunicação até hoje. É que a ação de tornar comum a muitos, transmitir, vai ter dois significados polares, opostos. Um é o pólo da transmissão, que é um processo de sentido único. Torna-se comum, transmitindo. Alguém detém o que deve ser tornado comum e o transmite para outro. A direção é uma só.

O outro é o pólo do compartilhamento, da interação, da ação recíproca, em dois sentidos. Você tem num pólo um significado que é unidirecional e noutro pólo um significado completamente diferente. É comunicação no sentido de compartilhar coisas em comum. No pólo da transmissão o modelo é o da persuasão, que na verdade é o modelo da dominação, da manipulação do comportamento. O outro é um modelo em que a comunicação se aproxima muito do próprio conceito de cultura. Quando se define "comunicação" no pólo do compartilhar significados, a diferença entre comunicação e cultura passa a ser muito tênue, quase inexistente.

A maioria de nossas teorias, e as nossas práticas de comunicação, na verdade são calcadas no modelo da transmissão.

Quem estuda comunicação, neste País, sabe que até há muito pouco tempo só usávamos livros traduzidos. Não havia, praticamente, nenhuma publicação relevante no Brasil. Os cursos de comunicação, a nível de pós-graduação, que são - ou deveriam ser - as matrizes de produção de uma reflexão teórica brasileira, são muito recentes, de menos de dez anos. Só agora há possibilidade de aparecer alguma produção crítica sobre a prática de comunicação que existe neste País, que é concentradora, tanto de propriedade como de produção (de programas ou textos), e dependente - o que se vê mais nas televisões brasileiras é filme não brasileiro - isso embora no horário

nobre se possa ver novela brasileira, o que não faz muita diferença. Então, a prática toda, o sistema de comunicação, tal como ele é organizado, é todo calcado no pólo da transmissão. Quase não se pensa no outro pólo. Não se tem um horizonte teórico alternativo para se tratar do problema.

É exatamente aqui que a contribuição de Freire aparece. O que ele pensa, em termos de comunicação, se situa dentro de perspectiva do pólo do **compartilhar** e é completamente diferente de tudo o que prevalece hoje, entre nós, não só em termos da organização do sistema de comunicação, como também em termos da reflexão teórica.

Para Freire, a comunicação é um elemento fundamental em pelo menos três níveis. Um nível que chamo de antropológico, outro de epistemológico, e o terceiro de político. Isto quer dizer que, para Freire, o homem só é homem **com** os outros homens, na relação com outros homens, e essa relação se dá pela comunicação. Nesse primeiro nível, antropológico, a comunicação é um elemento constitutivo da própria natureza humana. Ela não é um acessório - ela faz parte da natureza mesma do homem. No nível epistemológico temos o seguinte: todas as idéias de Freire sobre diferentes modelos de educação - bancário vs. crítico - escondem uma teoria do conhecimento muito específica. Para ele, o conhecimento novo só é gerado, só é possível, quando se dá a comunicação. Por quê? Porque para ele o conhecimento é o resultado de uma relação social que exige dois sujeitos mediatizados pelo objeto que querem conhecer. Portanto, o conhecimento é o resultado de uma interação entre pessoas. Por exemplo: nós decidimos que vamos ler o mesmo livro e discutir sobre esse livro. O conhecimento está limitado ao resultado dessa discussão, e a comunicação definida como a relação que se efetiva pela co-participação dos sujeitos no ato de conhecer. Mas isso, para Freire, tem uma implicação política imediata. É que a relação que gera o conhecimento novo e que é comunicação não é somente uma relação entre dois homens, portanto iguais, porque todos nascem e morrem. Não. A própria relação de poder entre eles tem que ser igual. Se um dominar o outro, não há conhecimento, nem pode haver comunicação. Por exemplo: na relação professor/aluno, quando o professor se coloca como o detentor do saber e o aluno como aquele que não sabe nada, não se produz conhecimento. Para Freire, insisto, a comunicação é essa relação social igualitária, dialogal, que produz conhecimento. Na verdade, essa relação social é necessariamente uma prática social transformadora, porque conhecimento e transformação da realidade são exigências recíprocas. O conhecimento é vinculado à prática. A reflexão e a ação são dois elementos indissolúveis. A comunicação, portanto, é uma relação social, uma prática social transformadora e eminentemente política. Nessa perspectiva, aliás, a educação, como prática social geradora de conhecimento, é política, como a comunicação também o é. Não há neutralidade possível. O ato educativo é um ato político, como o ato político também é um ato educativo.

Dito isto, resta saber o que pensa Paulo Freire sobre cultura, e qual a relação entre cultura e comunicação.

Cultura, em Freire, é uma palavra-chave. Já há algum tempo, inclusive, ele, na maioria das vezes, substituiu o uso da palavra "educação" por "ação cultural". Em Freire se encontram, pelo menos, três conceitos-chaves que incluem a palavra cultura. São eles: "cultura do silêncio", "conceito antropológico de cultura" e "ação cultu-

ral". Todavia, embora sempre presentes no pensamento de Paulo Freire, os dois primeiros encontram sua síntese no conceito de **ação cultural**.

Vejamos como isso acontece. A idéia de "cultura do silêncio", Freire foi buscar num sermão do Padre Antônio Vieira, no século XVII. Vieira não fala em "cultura do silêncio" mas fala em "mutismo". Vieira afirmava que "mal deste país é que o povo não fala; o povo é mudo" faz referência a uma passagem evangélica em que Cristo revelaria que o milagre mais difícil que fez foi o de dar voz a um mudo. Freire faz um paralelo entre a afirmação de Vieira e a participação dos oprimidos na História brasileira, que constata estarem na situação que Vieira identifica como de "mutismo". "Mutismo" que ele encontra no Brasil e fora do Brasil. Na América Latina e até mesmo nos países chamados "desenvolvidos". É a situação comum de todos aqueles que são histórica e concretamente impedidos de "falar a sua palavra"; de ter ouvida a voz. A "cultura do silêncio" é aquela onde o homem, é potencialmente transformador e, por vocação, sujeito de sua própria História, é impedido de transformar, é impedido de falar a sua própria palavra, de ter sua voz ouvida, de participar, de ser sujeito de si mesmo.

Ao conceito de "cultura do silêncio", Freire contrasta o que ele chama de "conceito antropológico de cultura". Sabe-se que nas experiências dos círculos de cultura, davam início ao processo de alfabetização, antes de entrar no processo propriamente dito, a primeira coisa que se discutia era o conceito antropológico de cultura. O objetivo era valorizar o homem, era mostrar que o homem iletrado, do interior de Pernambuco, ao transformar a natureza, cria cultura da mesma forma que qualquer outro homem. Tanto é cultura o arco e a flecha do índio quanto o rifle do caçador profissional. A idéia dessas discussões iniciais dos círculos de cultura era valorizar o homem como transformador da natureza e criador de cultura. Esta é, portanto, uma idéia completamente oposta à idéia de "cultura do silêncio", onde essa potencialidade do Homem como transformador está impedida historicamente pela dominação de uma classe por outra.

O conceito de **ação cultural** é uma espécie de síntese dialética entre as noções "antropológica" e de "cultura do silêncio". A **ação cultural**, em verdade, é a resistência do potencial de transformar do homem, na concretude histórica, às diferentes formas de opressão. A **ação cultural** é o espaço da luta permanente pela libertação humana.

A relação da comunicação e da cultura se dá em Freire de maneira bastante simples: não há possibilidade de comunicação verdadeira na "cultura do silêncio". O que ocorre aí é o mutismo da dominação. A **ação cultural** isto é, o processo consciente de luta pela libertação humana, assumido por homens que são sujeitos de sua própria História, é o espaço da comunicação verdadeira, dialética, geradora de conhecimento novo e de transformação social.

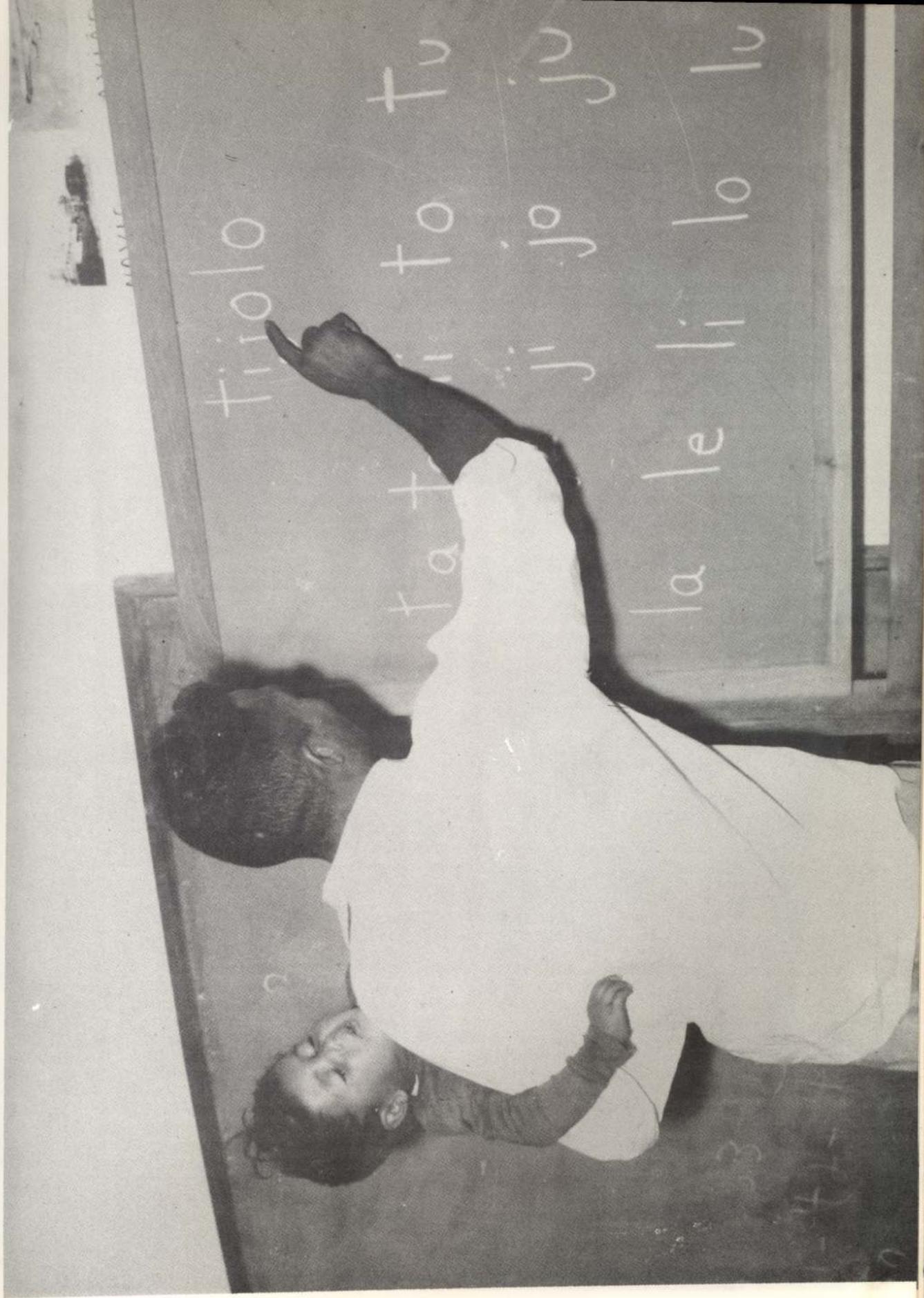
-x-x-x-x-

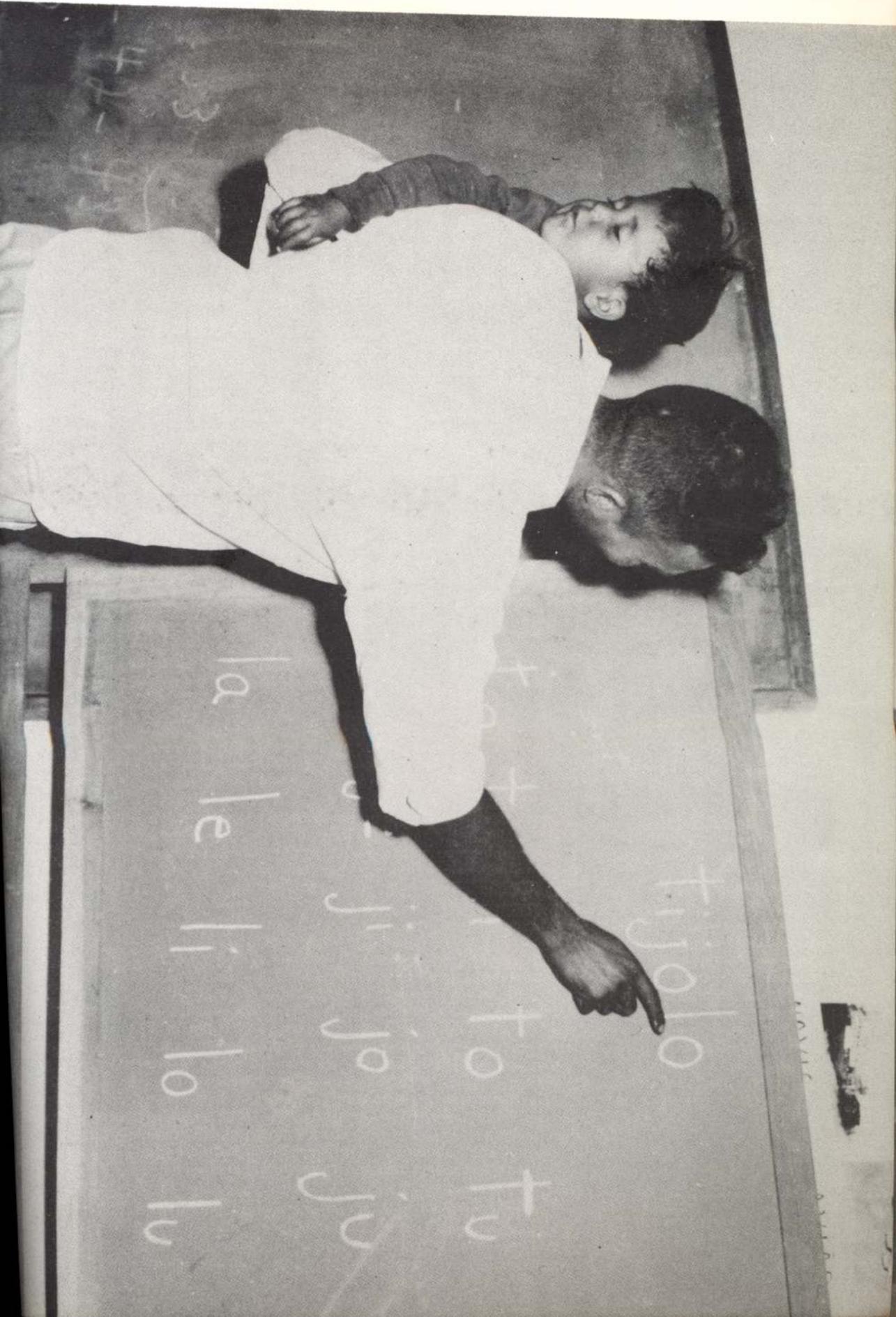
Eram estes, de forma apressada e sumária, os pontos que pretendia levantar dentro da proposta geral de se discutir o pensamento de Freire e, em particular, sua contribuição a uma nova teoria e a uma nova prática alternativa de comunicação e cultura.

Coloco-me agora à disposição de vocês para esclarecer os pontos — e sei que são muitos — que não tenham ficado suficientemente claros.

Nas quatro fotos que se seguem, o fotógrafo Deobry Santos registra a seqüência do "tu ja le". Uma vez apresentada a palavra, a esta era associada uma situação que originava uma discussão entre o grupo. Assim, à palavra **tijolo** correspondia, como situação, um grupo de pedreiros numa construção de Brasília, levantando uma parede. Estudados os fonemas consonânticos correspondentes às letras **t, j e l**, acompanhados das vogais **i e o**, **esses eram associados às vogais a, e e u**, levando o alfabetizando a formar novas sílabas. Num círculo de Cultura, em Sobradinho, um dos alfabetizados, na decomposição fonêmica da palavra **tijolo**, demonstrou ter apreendido o mecanismo da leitura ao juntar as sílabas e formar a frase: "tu ja le" (que, no Português gramaticalmente aceito, seria "tu já lê").









**Paulo Freire.
Fundamentos e
Perspectivas de
sua concepção
educacional**

INTRODUÇÃO

No segundo semestre de 1980, um grupo de mestrandos da Universidade de Brasília *, em cumprimento à exigência curricular dos seminários "Comunicação e Educação Popular" e "Sistemas Não-Formais de Educação", sob a coordenação dos professores Venício Artur de Lima e Helene L. Barros, escolheu como tema do trabalho final dos seminários a reconstituição da experiência de alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire, realizada em Brasília, em 1963, com o apoio do Ministério da Educação.

Para realização do trabalho, foram definidos os seguintes objetivos:

- explicitar as circunstâncias que, em 1963, permitiram a realização de um experimento de aplicação do método Paulo Freire, em Brasília, antes de sua institucionalização a nível nacional;
- reconstituir a memória de uma experiência em educação popular, através das mais variadas fontes de informação: depoimento de pessoas envolvidas, noticiário da imprensa da época, documentos oficiais, visitas a órgãos públicos e consulta à bibliografia específica.

De início, o grupo recorreu ao noticiário dos jornais da época, ao mesmo tempo em que procurou estabelecer contatos com pioneiros, autoridades, professores e outros tipos de pessoas que pudessem ter tomado parte na experiência. A medida que se desenvolvia o trabalho, o Grupo constatou que essas representaram as fontes mais ricas de informação, devido à escassez de documentação sistematizada sobre o assunto. De um total de 64 pessoas que foram ouvidas, algumas residindo fora de Brasília, foram considerados 44 depoimentos para a reconstituição da experiência.

O volume e a diversidade do material coletado ultrapassaram as expectativas iniciais do grupo, circunstância que limitou a análise, devido à premência do tempo de que se dispunha para a realização do trabalho.

Para a caracterização espaço-temporal da experiência, o grupo considerou o contexto sócio-político-econômico do país e de Brasília, a partir das propostas iniciais da cidade, especificamente na área da educação e da cultura.

CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICO DA EXPERIÊNCIA

A efervescência política do início da década de 60 propicia o debate de questões ligadas ao desenvolvimento brasileiro. Assim é que temas como a reforma agrária, o incremento do processo de industrialização e a melhoria do nível de consumo de bens e serviços começam a aflorar. O esgotamento do processo de substituição das importações, com base na industrialização de bens de consumo popular, determinaria o surgimento de um novo estágio centrado na produção de bens de capital. No entanto,

* Integraram o grupo Célia Barbosa, Lúcia Maria da Franca Rocha, Maria Ângela Teixeira, Maria de Souza Duarte, Núbia Gripp Vianna e Ricardo Ferreira da Silva.

o caráter periférico agrário-exportador da economia brasileira não propicia a criação dos requisitos do desenvolvimento tecnológico autônomo. Assim, ao mesmo tempo em que se coloca a necessidade de aceleração do desempenho industrial como saída para o impasse da dependência aos mercados externos em que se encontra o país, cria-se uma nova contradição, na medida em que se caminha em direção ao crescimento industrial através de importação de tecnologia, abrindo nova frente de dependência.

Essa circunstância permite que se inicie um processo de fortalecimento da burguesia industrial-urbana, associada ao capital estrangeiro, que força uma reordenação da sociedade segundo os interesses desse grupo.

As tensões naturais entre sociedades subdesenvolvidas e centros imperialistas começam a se configurar no Brasil, mesmo em nível interno, intensificando-se em decorrência do processo de conscientização das camadas populares em relação à dependência e às possíveis saídas para a emancipação.

O governo João Goulart, incompatibilizado com a classe dominante e com as Forças Armadas, busca o apoio das bases populares. A saída encontrada para a manutenção do poder é o desenvolvimento de programas de mobilização popular destinados a fortalecer essas bases. As preocupações governamentais voltam-se para a tentativa de incorporação de novos contingentes populacionais à luta pela transformação do país. A extensão do voto ao analfabeto, nesse sentido, mais que uma conquista do direito político, representa a união de interesses do Estado e do povo, na busca da legitimidade.

Ao lado dessa reivindicação, outra medida relevante para o fortalecimento das bases populares do poder é a que diz respeito à adoção de uma política de educação popular capaz de levar o povo à participação política nos destinos da nação, através de um processo de conscientização, a curto prazo. Para tanto, o governo recorre ao sistema de alfabetização de adultos desenvolvido por Paulo Freire, cuja eficiência, de resto, estava comprovada através de experiências realizadas em várias partes do país e que, por isso mesmo, representava um mecanismo viável para acelerar o processo de aprendizagem e conscientização, garantindo, assim, as bases populares de que o poder constituído necessitava para manter-se.

Entre essas experiências realizadas, a de Brasília revestia-se de especial importância, devido, sobretudo, a duas características principais:

- a primeira, por ser a capital política e administrativa do país;
- a segunda, porque Brasília, segundo seus idealizadores, deveria ser "elemento catalisador da economia regional, fulcro do desenvolvimento nacional e centro de irradiação político-social", pensamento este que refletia a euforia desenvolvimentista da época de sua construção.

Antes mesmo que houvesse tempo suficiente para uma avaliação da aplicação do sistema Paulo Freire em Brasília, setores governamentais e empresariais, tradicionalmente pertencentes à classe dominante, receosos das consequências que a conscientização poderia provocar, manifestam seu descontentamento através de tentativas constantes de denunciar o método como "subversivo".

O movimento militar de 1964, ao interromper a experiência, parece confirmar os receios de que a prática da alfabetização proposta por Paulo Freire poderia representar riscos, já que seria um elemento capaz de interferir no jogo de forças em conflito na época.

O MÉTODO PAULO FREIRE

O método Paulo Freire de alfabetização de adultos nasceu de experiências realizadas em Recife, desde 1955, nas quais ele constatou que podia discutir com operários e camponeses “uma temática que vinha deles”, escolhendo, nessa temática, as palavras a serem utilizadas no processo de alfabetização. O autor observou também que os alfabetizando começavam a sistematizar e a organizar o pensamento em função da análise que faziam de sua realidade. Nessa análise — e, por conseqüência, no método — o educador e o educando figuram como sujeitos do conhecimento, numa relação dinâmica, destituída de conotação paternalista.

O estímulo à expressão oral e ao diálogo é uma constante na pedagogia de Paulo Freire, com o objetivo de ajudar o analfabeto a organizar seu pensamento e a reformular suas atitudes básicas diante da realidade, captando-a criticamente. Para tanto, as atividades educativas realizavam-se nos “círculos de cultura”, nos quais se reunia o grupo de alfabetizando para debates em torno de situações e problemas de suas vidas, com ajuda de recursos visuais (diafilmes). O conteúdo central das discussões nos círculos de cultura centrava-se na distinção entre o mundo da natureza e o mundo da cultura, enfatizando-se o papel ativo do homem sobre a realidade, criando cultura. Dessa forma, o analfabeto se via como sujeito e não como mero objeto das transformações em seu mundo.

O método seguia as seguintes fases:

- levantamento do universo vocabular dos grupos a alfabetizar;
- escolha das palavras geradoras, pertencentes ao universo vocabular levantado. Essas palavras, selecionadas de acordo com sua riqueza fonêmica e com a seqüência gradativa das dificuldades fonéticas da língua, deveriam conter um teor pragmático capaz de estimular discussões sobre a realidade social, cultural e política do alfabetizando;
- discussão, nos círculos de cultura, de situações-problema típicas do grupo, a partir de situações existenciais representadas visualmente por meio de slides ou diafilmes. A idéia básica, nessa fase, era possibilitar aos participantes dos círculos compreender que “toda a realidade criada pelos homens pode ser transformada por eles”;
- projeção e utilização de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.

O tempo médio para a alfabetização era estimado em 40 horas, mas, por vezes, alguns alfabetizando aprendiam o mecanismo da leitura já no terceiro encontro do círculo de cultura.

O coordenador ou animador do círculo de cultura deveria ser, sobretudo, estimulador do diálogo e, por isso mesmo, não seria o responsável pela última palavra, o que não significa, no entanto, que ele devesse anular-se ou omitir-se, pois em sua atuação não deveria existir “nem dirigismo, nem espontaneísmo”.

A EXPERIÊNCIA DO MÉTODO PAULO FREIRE EM BRASÍLIA

A experiência em Brasília teve início quando Paulo de Tarso, ministro de Educação e Cultura, instituiu junto ao

seu gabinete a Comissão Nacional de Cultura Popular, com o objetivo de “implantar em âmbito nacional novos sistemas educacionais de cunho eminentemente popular, de modo a abranger áreas não atingidas pelos benefícios da educação” (Portaria Ministerial nº 195, de 8/7/63). Essa comissão, presidida por Paulo Freire, seria o passo inicial dado pelo MEC para a implantação do Plano Nacional de Alfabetização.

Dias depois, outro ato legal — a Portaria Ministerial nº 235, de 29/07/63 — cria a Comissão Regional de Cultura Popular do Distrito Federal, com o propósito de desenvolver e avaliar experiências de alfabetização em Brasília pelo método Paulo Freire, cujos resultados determinariam a conveniência de adoção do método em nível nacional, através do Plano Nacional de Alfabetização.

A experiência, que se entendeu até 31 de março de 1964, foi desenvolvida nas cidades-satélites do Gama, Sobradinho, Candangolândia, Núcleo Bandeirante, Setor de Limpeza Pública, entre outros, onde eram instalados os Círculos de Cultura em pequenas igrejas, galpões ou escolas, com auxílio do próprio grupo interessado, funcionando muitos à luz de lâmpadas e com mobiliário improvisado com recursos da própria comunidade.

O recrutamento dos analfabetos era feito através de serviços de alto-falantes instalados em veículos que percorriam as cidades-satélites, transmitindo mensagens como:

“Povo analfabeto é povo escravo. Matricule-se no Círculo de Cultura mais próximo e aprenda a ler e a escrever!”

Segundo informação do próprio Paulo Freire, em Sobradinho foi realizado um comício com o objetivo de divulgar a campanha de alfabetização desenvolvida pelo Ministério da Educação e Cultura como uma nova forma de aprender a ler e a escrever. Para tanto, foi feita uma demonstração do método, na qual o Presidente da Comissão explicava o funcionamento do Círculo de Cultura enquanto o animador projetava slides com ilustração de situações existenciais características das pessoas presentes a fim de obter a participação dessas pessoas na discussão, motivando-as a se matricularem nos cursos.

A preparação dos animadores dos Círculos de Cultura esteve a cargo do MEC, que promovia a seleção, a inscrição e os cursos de treinamento (Correio Braziliense 19/07/63). Para esse treinamento, dado por técnicos vindos de Recife e pertencentes à equipe de Paulo Freire, o pré-requisito de escolaridade exigido era o de 2º Ciclo.

Um fato curioso que se pode relatar é que a escassez de pessoas com nível de instrução de 2º Ciclo — à época Brasília contava com raríssimos estabelecimentos desse nível de ensino — levou o grupo executor da experiência a recrutar para a função de coordenador pessoas já alfabetizadas pelo método, montando-se assim um esquema de participação em que os próprios concluintes do curso ou da escola primária regular se alistavam para os postos de coordenação.

As palavras utilizadas na alfabetização foram escolhidas a partir do levantamento do universo vocabular da população-alvo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa nos locais onde poderiam ser encontrados analfabetos, como canteiros de obras, Hospital Distrital, Rodoviária, acampamentos, entre outros. A partir de questões sobre o dia-a-dia de cada um, foram selecionadas, entre as palavras de maior incidência, 14 que continham os fonemas e as sílabas adequadas à seqüência de aprendizagem, na seguinte ordem: **tijolo, voto, farinha, máquina, chão, baraco, açugue, negócio, Sobradinho, passagem, pobreza, Planalto, eixo, Brasília.**

Uma vez apresentada a palavra, a essa era associada

uma situação que originava uma discussão entre o grupo. Assim, a palavra **tijolo** correspondia como situação um grupo de pedreiros numa construção de Brasília, levantando uma parede. Estudados os fonemas consonânticos correspondentes às letras **t, j e l**, acompanhados das vogais **i e o**, esses eram associados às vogais **a, e e u**, levando o alfabetizando a formar novas sílabas. Num Círculo de Cultura de Sobradinho, um dos alfabetizandos, na decomposição fonêmica da palavra **tijolo**, demonstrou ter apreendido o mecanismo da leitura ao juntar as sílabas e formar a frase: “tu ja le” (que, no Português gramaticalmente aceito, seria “tu já lê”). Esse momento, testemunhado por autoridades do MEC que visitavam o círculo, foi registrado em seqüência fotográfica pelo fotógrafo que acompanhava o ministro Paulo de Tarso. Essa circunstância, segundo alguns depoimentos, de tal forma impressionou o ministro que o levou a considerar como válida a experiência, cujos resultados ele próprio tivera a oportunidade de avaliar pessoalmente. O resultado prático da visita foi a instituição do método Paulo Freire em nível nacional, através do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, pelo Decreto nº 53.465, de 21 de janeiro de 1964.

Outro exemplo que se pode acrescentar como significativo na experiência de Brasília é o que diz respeito à palavra **Sobradinho**. Esta palavra pretendia introduzir os fonemas consonânticos correspondentes às letras **s, br, d e nh**, apresentando como situação a ser discutida uma ilustração representada por um ônibus com a placa “Sobradinho”, que é uma cidade-satélite de Brasília. Durante a discussão que se seguiu, sobre a palavra e sobre a cidade de Sobradinho e sua função no contexto de Brasília, um dos participantes sentenciou: “nós também somos satélite”.

CONCLUSÃO

O que se coloca neste item a título conclusivo não reflete uma conclusão sobre a experiência, mas, tão-somente, algumas idéias que o grupo pôde sistematizar em torno da complexidade e da diversidade do material coletado. Como já se disse antes, a intenção que moveu o grupo a realizar o trabalho foi, antes de mais nada, a curiosidade histórica. O grupo, composto por professores e pessoas ligadas à educação, se propôs a canalizar uma exigência curricular do mestrado para tentar reconstituir uma experiência educacional realizada em período relativamente recente — 1963/64 — mas da qual pouco ou nada se sabia, devido às circunstâncias políticas vividas pelo país a partir de 1964.

O trabalho deve, portanto, ser encarado mais como uma contribuição informativa para subsidiar futuros estudos, devido à riqueza e à diversidade do material que pôde ser levantado, sobretudo quando se consideram os depoimentos de pessoas que participaram da experiência e que puderam ser obtidos graças a circunstâncias especiais advindas de relacionamentos interpessoais.

Mas é preciso não esquecer que, se, por um lado, esses depoimentos vieram esclarecer pontos até então obscuros ou mesmo trazer informações onde nada havia, por outro, opiniões às vezes contraditórias trouxeram novas dúvidas.

Destarte, o estabelecimento de conclusões tem caráter meramente aproximativo, considerando o volume do material obtido, o tempo disponível, a necessidade de voltar a algumas fontes de documentação para complementar dados. Deve-se esclarecer também que o grupo não se ocupou, ao menos nesta fase, em tirar conclusões sobre o conteúdo e a fundamentação teórica do sistema Paulo Freire de educação, mas tão-somente de traduzir a visão

de seis pessoas com vivências e experiências educacionais diferentes, a partir do material levantado e trabalhado num curtíssimo período de tempo — outubro/novembro de 1980.

As conclusões podem ser agrupadas em três níveis.

1. O primeiro nível diz respeito ao trabalho do grupo. Vale aqui ressaltar a dificuldade de localização de documentos sobre a experiência, interdita em 1º de abril de 1964 com conseqüente apreensão e destruição do material existente. Os registros que puderam ser localizados junto a órgãos oficiais — Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação do Distrito Federal, Câmara dos Deputados, Senado Federal — são escassos e incompletos, o mesmo acontecendo em relação à imprensa local*.

Outra dificuldade encontrada relaciona-se com a identificação e localização de pessoas envolvidas na experiência. A essa dificuldade, deve-se juntar a desconfiança de muitos em prestar depoimento, devido a suas antigas e atuais posições ou mesmo ao esquecimento de certos detalhes, motivado pelo espaço de tempo decorrido — 1964/1980.

Para os contatos com as pessoas envolvidas na experiência não se utilizou roteiro básico de entrevista, o que representou uma limitação na medida em que deixaram de ser levantadas questões relevantes. No entanto, a inexistência desse roteiro permitiu maior descontração aos depoimentos, enriquecendo e diversificando as informações prestadas.

Sobre os depoimentos, deve-se acrescentar que o grupo não conseguiu localizar nenhum alfabetizando, o que, certamente, viria esclarecer muitas dúvidas suscitadas em relação ao “clima” existente em relação à alfabetização de adultos.

O grupo considera como mérito principal do trabalho o levantamento e a ordenação de dados, documentos e depoimentos. Esse material pode vir a constituir fonte substancial para análises do que ocorreu em Brasília, em 1963 e princípio de 1964, na área de educação de adultos.

2. O segundo nível de conclusões situa-se em relação à experiência de alfabetização de adultos de Brasília..

Parece implícita certa identidade entre as proposições iniciais dos planejadores de Brasília e daqueles que participaram da experiência: crença no homem, expectativas de mudança para um sistema social mais justo, espaços abertos, compartilhados por todos sem barreiras de classes... A situação de permanente crise que marca o período — 1963/1964 — e a conseqüente interrupção do processo sócio-político desencadeado à época e da experiência de alfabetização de adultos pelo sistema Paulo Freire não permitem que se estabeleçam com segurança os liames dessa identidade.

Essa circunstância é agravada quando se considera a inexpressiva repercussão que a experiência teve, à época, junto às autoridades educacionais locais. A divulgação então existente deveu-se sobretudo à imprensa que, por oposição ao governo, veiculava a versão que melhor servia aos seus interesses. Assim, o noticiário da época deve ser analisado com restrições.

Numa tentativa de apontar causas para essa escassa repercussão, pode-se lembrar que a experiência de Paulo Freire foi coordenada ao nível do Ministério da Educação e Cultura, desvinculada do sistema regular de ensino do Distrito Federal. Outro fator importante que merece des-

* Dos arquivos aos quais o grupo teve acesso, por vezes não constam exemplares inteiros de jornais.

taque é o "clima de desestruturação" da época, motivado em todo o país pela efervescência política e em Brasília, em particular, pelos esforços de uns poucos setores que resistiam às fortes pressões que tentavam inviabilizar a nova capital.

A esses fatores, acrescenta-se a mobilidade e a instabilidade da população, sobretudo dos contingentes mais pobres — a população-alvo do método Paulo Freire —, e se compreenderá, por exemplo, por que não é possível estabelecer o número aproximado de analfabetos existentes na época.

Quanto à avaliação do método, embora prevista, não chegou a ser feita, ao menos sistematicamente, conforme deveria ocorrer antes de ser institucionalizado. A explicação encontrada pelo grupo pode ser buscada em 3 motivos.

Primeiro porque o próprio Paulo Freire fora encarregado de orientar a experiência de Brasília, função que desempenhou pessoalmente, conforme comprovam depoimentos, notícias de jornais e fotos. Essa circunstância teria servido para vincular a teoria com a aplicação prática, eliminando a necessidade de validá-la formalmente.

Em segundo lugar, aparece a necessidade de apoio popular para a manutenção do poder. As pressões cada vez mais fortes dos núcleos de oposição ao governo, sobretudo vindas das classes mais altas, determinam a busca de novas bases, que só poderiam ser encontradas nas classes populares, que, em sua maioria, eram constituídas de analfabetos e, por isso mesmo, sem direito a voto. O método Paulo Freire representava a saída viável a curto prazo, pois a alfabetização, realizada em curtíssimo período e vinculada por um forte conteúdo político, garantiria as bases de que o governo João Goulart necessitava para manter-se no poder. Uma avaliação sistematizada demandaria tempo e o governo não dispunha desse tempo, como ficou demonstrado com a deflagração do movimento militar de 1964.

Um terceiro motivo, que teria sido decisivo para a institucionalização do método, através do decreto de 21 de janeiro de 1964, foi a constatação pelo ministro da Educação e Cultura, Paulo de Tarso, da eficiência do método, ao visitar um Círculo de Cultura e presenciar ele próprio a dinâmica de alfabetização. A constatação do ministro e de seus assessores substituiu o processo de avaliação.

A propósito dessa visita, que, segundo depoimentos, foi realizada sem preparação prévia, vale lembrar que significativamente as fotos comprovam o grande interesse que os alfabetizados tinham na frequência aos círculos. Entre os presentes, há um homem com um filho que dorme ao seu colo. O fotógrafo, que desconfiara da espontaneidade do gesto, teve a curiosidade de sondar os presentes sobre o fato e declarou que não se tratava de uma situação arranjada, pois o homem levava o filho por não

ter com quem deixá-lo e julgar muito importante a frequência às aulas. Esse interesse, de resto, é atestado pela presença de mães que não mediam esforços para frequentar os círculos, levando seus filhos consigo ou mesmo amamentando-os durante as reuniões, conforme alguns depoimentos.

Como o grupo procurou ouvir depoimentos do maior número possível de pessoas que participaram da experiência, há depoimentos situados em posições opostas — radicalmente contra e radicalmente a favor. Como exemplo:

"— Cada alfabetizando que participava dos grupos transformava num elemento integrado e interessado a sua comunidade. O resultado era extraordinário, havendo uma verdadeira ressurreição das pessoas... O método continua válido, agora enriquecido com experiências realizadas em outros países."

"— O Método tem ideologia comunista, pregando a luta de classes e revolta... Pretendia criar um verdadeiro exército de contestadores... O universo vocabular foi tendencioso. Por exemplo, a palavra **voto**: em Brasília não havia eleições. A palavra foi jogada para tumultuar."

3. O terceiro nível foi estabelecido em relação ao conteúdo político do método.

A limitação da experiência a um curto espaço de tempo — julho de 1963/março de 1964 — dificulta as considerações sobre as implicações políticas decorrentes da aplicação do método. No entanto, a brusca interrupção da experiência, ocorrida em 01/04/64, parece demonstrar que o apoio a grupos ou movimentos de mobilização e educação de adultos, do ponto de vista institucional, só é mantido enquanto a orientação desses grupos e movimentos se compatibiliza com a orientação ou interesses do Poder.

Ao governo João Goulart interessava buscar apoio das bases populares. A alfabetização de grandes massas populares em curto espaço de tempo significava mais eleitores e, portanto, a sua manutenção no poder. Mas os interesses do grupo responsável pelo movimento militar de 1964 eram bem diversos, o que determinou a interrupção da experiência.

Parecem claros, também, nas ocorrências de 1964, a força dos mecanismos de resistência e, após a derrubada de Goulart, os objetivos subjacentes ao sistema, onde predominam a dominação e alienação.

O discurso institucional da época é contraditório: fala-se de reformas de base mas não se propõem medidas práticas para viabilizá-las. Não há coesão em torno de um projeto comum e as reformas sociais são fracionadas e desconexas. Nesse sentido, vale lembrar que a educação popular — a proposta maior do sistema Paulo Freire — pode constituir-se em canal de atuação política de grande potencial, quando vinculada a outros movimentos, graças ao seu caráter fortemente impregnado de conteúdo conscientizador.

Foi durante o Governo João Goulart que floresceu a experiência de alfabetização pelo Método Paulo Freire. Decreto de número 53.465, de 21 de janeiro de 1964, instituiu o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos.

Nas fotos de Deobry Santos, que se seguem nas próximas páginas, estão registradas visitas feitas pelo ministro da Educação do Governo Goulart, Paulo de Tarso, e sua equipe, pelas cidades-satélites onde funcionavam Círculos de Cultura. Paulo Freire visitou vários locais onde se aplicava seu Método. Entre os personagens destas fotos, o leitor encontrará o educador Lauro de Oliveira Lima, o professor e ex-reitor da Universidade de Brasília, Marco Antônio Rodrigues Dias.





